



HAL
open science

Afetos na pesquisa acadêmica

Jean-Luc Moriceau

► **To cite this version:**

Jean-Luc Moriceau. Afetos na pesquisa acadêmica. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, pp.177, 2020, Ensaios, 978-65-86963-10-6. hal-03030241

HAL Id: hal-03030241

<https://hal.science/hal-03030241>

Submitted on 30 Nov 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

”

AFETOS NA PESQUISA ACADÊMICA

Jean-Luc Moriceau

ensaios ”



PPGCOM • UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Bruno Souza Leal
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal
Nísio Teixeira

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M854a Moriceau, Jean-Luc
Afetos na pesquisa acadêmica [recurso eletrônico] / Jean-
-Luc Moriceau. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/
UFMG, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-10-6

1. Comunicação social. 2. Pesquisa acadêmica - Aspectos
psicológicos. I. Título.

CDD 300

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO

Rafael de Amorim Alburquerque
e Mello

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos
termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

| Sumário

Agradecimentos	9
Apresentação	11
Ângela Cristina Salgueiro Marques Carlos Magno Camargos Mendonça Sônia Caldas Pessoa	
ENCONTRO 1	23
Afetos e modos de pensar a Comunicação	
ENCONTRO 2	59
Diferenças e vulnerabilidades: hospitalidade e acolhimento	
ENCONTRO 3	91
Dos afetos ao pensamento: mantendo o movimento	
ENCONTRO 4	137
Reflexividade e escrita	
Referências bibliográficas	173

| Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de uma longa colaboração, que se baseia tanto numa fecunda convergência intelectual, quanto em uma bela amizade. Este livro é polifônico e não pode ser separado do ambiente afetivo em que nasceu. Uma abordagem original tem sido inventada no Departamento de Comunicação Social da UFMG, por meio de encontros entre pesquisadores e alunos - as discussões ao final dos capítulos deste livro atestam a qualidade e densidade dessas trocas. Apresento neste livro, à minha maneira, algumas características dessa abordagem, mas ela deve muito a esses encontros e, em particular, a três colegas e amigos. A colaboração começou com Carlos Mendonça há mais de dez anos, e as suas reflexões, em particular sobre as performances, a corporeidade e as obras de Deleuze, foram centrais neste desenvolvimento. Sônia Pessoa traz suas reflexões engajadas, originais e essenciais, sobretudo acerca de pessoas com deficiência, bem como sua sensibilidade e seus relatos de experiências pessoais. Ângela Marques fervilha de ideias e leituras para desenvolver perspectivas atenciosas e generosas sobre as imagens da vulnerabilidade e sobre a biopotência daqueles que raramente são escutados. Ângela trabalhou muito não só para aprimorar a linguagem do texto, mas principalmente para tornar as interações que tivemos em sala, na UFMG, mais fluidas e coerentes. Eu não saberia enfatizar o quanto

essas páginas são devedoras dessas reuniões e das trocas que realizamos. Sou imensamente grato à Isabela Paes, que me acompanha e me enriquece, que me desafia e que iniciou muitas das ideias aqui registradas.

Jean-Luc Moriceau

Apresentação

ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES

CARLOS MAGNO CAMARGOS MENDONÇA

SÔNIA CALDAS PESSOA

Este livro começou a ser escrito em 2017, como desdobramento de um projeto de pesquisa que previa o aprofundamento de uma cooperação bilateral entre o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG (PPGCOM) e a Business School do Institut Mines-Télécom¹. Os professores Carlos Magno Camargos Mendonça, Sônia Pessoa e Ângela Cristina Salgueiro Marques convidaram o professor Jean-Luc Moriceau para uma missão de trabalho que seria beneficiada com o apoio do edital “Cátedras Franco-Brasileiras”, elaborado pela Diretoria de Relações Internacionais da UFMG.

O contato com o professor Moriceau iniciou-se no ano de 2009, estreitando-se em 2011, quando o professor Carlos Mendonça foi convidado a participar de duas bancas de defesa de doutorado na França, ambas resultantes de trabalhos orientados pelo professor Moriceau. O contato entre eles foi retomado em 2014, com a ida do prof. Carlos Mendonça, como visitante, à Télécom Business School (ação que voltou a se produzir em 2016). Em 2015, o prof. Moriceau esteve no Brasil a

1 Para maiores informações ver: < <http://www.imt-bs.eu/>>.

convite do professor Carlos Mendonça para integrar as atividades de pesquisa do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional – NEEPEC/UFMG e ministrar a disciplina “Guerrilhas do Sensível” (entre os meses de fevereiro e junho de 2015) para alunos de mestrado e doutorado do PPGCOM.

A estadia do professor Moriceau em 2015 permitiu também uma interlocução com as professoras Ângela Marques e Sônia Pessoa com base na afinidade teórica com a perspectiva de uma metodologia que privilegia os afetos na construção de uma concepção crítica da comunicação institucional. O professor continuou em contato conosco ao longo de 2016, sendo por nós convidado a proferir uma palestra no “III Seminário Internacional de Comunicação Organizacional” (SICO).

Após esses contatos e, sobretudo, após sua visita à UFMG em 2015 e 2016, o professor Moriceau passou a figurar como interlocutor constante e colaborador em nossas produções acadêmicas, seja na escrita de artigos e capítulos, seja convidando-nos para publicar em revistas francesas e participar de palestras e bancas de mestrado e doutorado no Institut Mines-Télécom.

No ano de 2017, o prof. Moriceau esteve conosco em visita de trabalho com o inestimável apoio das “Cátedras Franco-Brasileiras na UFMG”. Entre as atividades desenvolvidas durante sua estadia, destacamos os inesquecíveis quatro encontros com docentes e discentes de graduação e pós-graduação acerca do tema dos afetos na pesquisa acadêmica. Este livro é resultado das trocas e diálogos que animaram nossas tardes de intenso aprendizado com o prof. Moriceau. Salientamos desde já que ele não teria sido possível sem o auxílio dos integrantes do grupo Afetos, coordenado pelas professoras Sônia Pessoa e Camila Mantovani, em especial Stephanie Boaventura e Karla Eloara, que pacientemente transcreveram as gravações dos encontros, possibilitando-nos recuperar os detalhes e registros de cada uma das intervenções.

A abordagem afetiva da comunicação é desenvolvida por Moriceau de modo a aproximar a experiência comunicacional da experiência estética (momento singular, transformador de nossa subjetividade em contato com as forças do sensível) por meio da valorização de seu caráter experiencial, aproximando o gesto praxeológico do fenomenológico. Ele

afirma que a “virada afetiva” (LETICHE; LIGHTFOOT, 2014) designa, sobretudo, novas possibilidades epistemológicas e novas práticas metodológicas: um modo de pesquisa no qual o pesquisador se deixa guiar pelos afetos, se permite mover pela situação, como ponto de partida da reflexividade. Não se trata de extrair uma representação mais rica dos acontecimentos experienciados, mas de aceitar mergulhar no concreto, no vivido, na porção parcial, local, específica, relacional e estética da experiência.



Figura 1 - Jean-Luc Moriceau em curso ministrado na Fafich em 2017.

A experiência estética, segundo Moriceau, nos lança no desconhecido, no inesperado, em um turbilhão de sensações, *insights* e reações que nos levam a repensar nossos quadros de conhecimento. Ela é uma experiência que vem de fora, mas que se endereça a cada um de nós, nos convidando a um encontro: seu caráter é relacional. Contudo, tratar a experiência e o sensível nas pesquisas que desenvolvemos não é tarefa fácil: podemos perdê-los de vista (ou vê-los transformados em outra coisa) ao desejarmos nos assenhorar de suas características ou mesmo contemplá-las à distância, como objeto oriundo de dispositivos e meios performáticos (MORICEAU; PAES, 2014, 2016).

A pergunta que ele nos dirige durante os quatro encontros ocorridos em 2017 é a seguinte: como construir uma forma de abordagem que possa captar e descrever a experiência estética e ética dos sujeitos nas interações por eles tecidas, e que também possa pensá-la e comunicá-la? Se considerarmos que a experiência estética nos afeta e nos move, não podemos examiná-la à distância: temos que vivê-la, nos deixar tocar e

afetar por ela. Nesse sentido, uma abordagem afetiva tem que considerar o corpo, as impressões, sensações, efeitos de prazer e de incômodo, estranhamento e familiaridade, os espaços e relações de poder que envolvem sua emergência, as capacidades de expressão que ela nos fornece e os movimentos aos quais ela dá origem.

Segundo Moriceau (2016, 2019), na pesquisa acadêmica com sujeitos é preciso pensar em outras formas de deixar o outro falar e de ser afetado por ele que não podem ser contidas nos modos tradicionais da representação do conhecimento e dos resultados de pesquisa. Podemos, por exemplo, alternar entre a descrição dos afetos desencadeados pelo trabalho de campo e momentos de reflexividade, sem procurar representar a cultura estudada ou os sujeitos estudados por meio de seus enunciados. Para Moriceau (2014), a representação apresenta-se como distanciada da experiência, paralisa as dinâmicas, fixa os lugares, as posições, impõe uma perspectiva ou narrativa e atribui papel central ao autor/pesquisador. Nesse caso, há uma reflexão ética por trás da pesquisa que questiona o falar por ou em nome de, tentando construir uma possibilidade de o pesquisador falar com os seus pesquisados. Assim, pode-se construir o sentido de forma partilhada, não hierarquizada. Desloca-se o pesquisado do seu lugar de “objeto” de análise e constitui para ele um lugar de interlocutor, parceiro simétrico na construção da pesquisa (BENCHERKI, 2015; GOLDMAN, 2006; D’ALMEIDA; CARAYOL, 2014).

Nesse deslocamento, o pesquisador e a pesquisa se deixam afetar, transportar e transformar pelo que estudam (STEWART, 2007; FAVRET-SAADA, 1990). Se deixar afetar é deixar entrar em nós aquilo que estudamos e afetá-lo em troca. É provável que não sejamos mais os mesmos depois da pesquisa, pois não podemos nos isolar para examinar à distância os dados coletados. Ter uma experiência como essa não significa indolência do pesquisador, mas um contato autêntico, marcado pela vulnerabilidade e pelo encontro transformador com a alteridade (MACÉ, 2016).

Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria. É preciso conferir aos atores pesquisados a maior parte da responsabilidade de confeccionar

sua representação. O pesquisador deve aproximar-se de uma expressão mais bruta de suas falas e relatos, considerando a justeza de sua própria maneira de se expressarem e contarem a si mesmos, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas. É importante não ficar buscando uma representação mais “adequada”, mas sim visar uma abertura a várias possibilidades de produzir sentido acerca das falas dos pesquisados, compartilhando com os leitores o trabalho de compreensão e de fabricação de seus próprios textos (STEWART, 2007; MORICEAU, 2014).

Uma abordagem afetiva da comunicação, nos diz Moriceau (2017, 2018, 2019), é uma crítica que nos leva ao coração da ambiguidade e da complexidade das situações que pesquisamos, nos exigindo uma postura ética e uma tomada de posição reflexiva e corajosa. Uma ética pessoal e coletiva que afeta nossas convicções ligadas à produção de saber e abala as certezas prefiguradas, nos levando a querer continuar a pensar sobre a pesquisa e seus sujeitos.

Ao falar sobre o tema “Afetos e performances e organizações em uma perspectiva comunicacional”, o prof. Moriceau nos lançou as seguintes indagações: Como considerar, nas pesquisas em comunicação, os afetos, as performances e qualidade estética e política das experiências? Exploramos juntos uma abordagem que tenta articular afetos, performances e práticas de resistência. Enfatizamos, nos quatro encontros e além deles, que pesquisar é uma maneira de se deixar guiar pelos afetos, por aquilo que nos toca, que nos surpreende e nos revolta, enfim, por aquilo que pode nos ensinar uma vez que não se deixa encapsular por um conceito ou uma teoria já conhecida. Aproximar-se e experimentar antes de julgar ou mesmo pretender conhecer é um gesto ético e político na pesquisa em Comunicação. Nesse gesto, pesquisar não é algo que se restringe a produzir conhecimentos e representações sobre objetos, mas sobre o que se apresenta como uma performance, como algo que não é ditado por uma lei geral, mas como algo que retoma um percurso ou um desafio trazendo uma diferença particular.

Abordar a pesquisa como performance é ser capaz de trazer uma carga de ritual e de inovação, rica de um passado e promessas de futuro. Uma pesquisa carregada de imaginários, de expressão de corpos, negociação de sentidos em paisagens e situações habitadas por actantes

humanos e não humanos. Sob esse aspecto, pesquisar é agir sem recortar tudo o que se pode observar em objetos distintos, tentando articulá-los em relações, ressonâncias, revelando com isso a maneira como as coisas e acontecimentos possuem a capacidade de se afetarem, de se ligarem e de produzirem algo inédito.

A noção de performatividade (MORICEAU, 2016), configura-se a partir de uma preocupação com o desenho democrático dos agenciamentos que conduzem as ações políticas dos atores. Um agenciamento, segundo ele, relaciona-se com a produção de novos enunciados em cenas de enunciação geralmente definidas como assimétricas e perpassadas por profundas desigualdades de poder. Ao mesmo tempo em que podemos definir os agenciamentos dos atores (motivações e ações que definem suas escolhas, decisões e práticas), podemos também identificar os agenciamentos dos discursos por eles proferidos. Assim, Moriceau aponta que a performatividade possui uma dimensão crítica quando nos leva a interrogar se esses discursos e proferimentos que constroem, simultaneamente, normas e públicos reproduzem e fortalecem, ou não, posições de autoridade existentes, formas injustas de privilégios e assimetrias.

A pesquisa perpassada pelos afetos atua como comunicação e individuação a partir do convite à elaboração de um percurso teórico-metodológico que deriva não só da vontade de aprender, de compreender e de investigar, mas também do desenvolvimento de uma autopercepção do pesquisador como sujeito que existe em pesquisa. A investigação pode individuar aquele que a concebe e também o próprio campo epistemológico mobilizado. Nesse sentido criar uma metodologia de pesquisa é uma arte e, segundo Moriceau, requer três gestos (comunicacionais, políticos e éticos) interligados: a) Expor-se: permitir o contato e a surpresa, deixar os sentidos abertos para as experiências realizadas, distanciando-se da necessidade de provar hipóteses e controlar os desdobramentos. Arriscar-se sem deixar de considerar os constrangimentos existentes na academia; b) Caminhar: zelar por uma abertura constante a mudanças derivadas do questionamento dos métodos e teorias acionadas na pesquisa; c) Pensar e refletir: não apenas seguir etapas previstas, perse-

guir dados, mas indagar-se sobre as razões de estar-se utilizando determinados autores e teorias.

Além disso, é preciso construir uma escrita capaz de fazer justiça aos acontecimentos, objetos e pessoas encontrados no caminhar da pesquisa. Assim, “ser em pesquisa” envolve aprender, mover-se, pensar, entender o contexto, refazer, individualizar-se e não apenas posicionar-se, modelar, representar. A pesquisa é um processo ético e estético de comunicação e de individuação: ela envolve contatos que vão alterar, deslocar, transformar todos os sujeitos, objetos e teorias envolvidos na investigação. A performatividade da pesquisa envolve uma abertura a modos de propagação de mudanças derivadas da apropriação das performances que, ao reiterarem procedimentos e formatos, encontram aberturas nas quais podem modelar outramente o pensamento e o fazer, sobretudo pela abertura aos afetos e à hospitalidade.

As questões apresentadas por Moriceau são centrais para aprofundar nossa reflexão acerca dos afetos na pesquisa acadêmica enquanto constelação de interações nas quais, e a partir das quais, se elaboram, se estabelecem e se exprimem percepções, representações, performances individuais e coletivas, sistemas de valores, atribuições, construções identitárias, assim como dispositivos comunicacionais com relação às atividades e às mudanças sociotécnicas e culturais. Moriceau compartilha conosco uma compreensão da pesquisa guiada pelos afetos como operações de concepção, difusão e trocas, mas também de confrontos e conflitos de significações individuais e coletivas. Sua visita em 2017 (e depois também em 2019), com o apoio da chamada da DRI, nos permitiu desenvolver o presente livro que traz contribuição inovadora para pensarmos as dimensões éticas e afetivas que emergem em pesquisas qualitativas acerca das narrativas, performances e experiências vivenciadas pelos sujeitos em práticas políticas cotidianas e em contextos institucionais os mais diversos. Além disso, pesquisas concebidas em processos investigativos tecidos e organizados pelas tramas dos afetos são potencialmente mais capazes de considerar e acolher a alteridade, os vulneráveis e os precários, desafiando princípios instituídos a priori e descortinando assimetrias e injustiças que dificultam a fabulação de um mundo comum habitável.

Por fim, as contribuições do professor Moriceau nos encontros realizados junto aos alunos de graduação, de iniciação científica e de pós-graduação em Comunicação Social da UFMG proporcionaram a chance de construirmos abordagens refinadas de percursos metodológicos marcados pela perspectiva dos afetos. Possibilitou ainda a criação de interseções entre a produção de pesquisas e análises teórico-empíricas em Comunicação e experiência estética no Brasil e na França, segundo seus respectivos horizontes culturais. Estreitamos os vínculos de cooperação e de produção coletiva interinstitucional já existentes a partir de um diálogo crítico sobre as pesquisas individuais e coletivas, destacando aspectos das práticas comunicacionais em suas dimensões estética, performática, afetiva, institucional e fenomenológica.

Não poderíamos aqui deixar de registrar nossos agradecimentos aos professores, estudantes e integrantes dos seguintes grupos de pesquisa



Figura 2 - Curso e palestra ministrados pelo prof. Jean-Luc Moriceau na Fafich, 2019.

que estiveram sempre presentes nos encontros: Mobiliza (coordenado pelo prof. Márcio Simeone); Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça - Margem (co-coordenado pelos profs. Ângela Marques e Camilo Aggio), Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional - NEEPEC (coordenado pelos professores Carlos Mendonça e Juarez Guimarães); Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas/ Grupo de Pesquisa sobre Lesbianidades - GEL/NucCon (representado pela profa. Joana Ziller), Afetos (coordenado pela profa. Sônia Pessoa). Registramos também a presença de pesquisadores do Grupo de Pesquisa

“Comunicação no contexto organizacional: aspectos teórico-conceituais” (PUC-Minas), coordenado pela profa. Ivone de Lourdes Oliveira (pesquisadora colaboradora do PPGCOM-UFMG).

Referências

BENCHERKI, Nicolas. *Pour une communication organisationnelle affective: une perspective préindividuelle de l'action et de la constitution des organisations*. Communiquer [En ligne], n°15, 2015.

D'ALMEIDA, Nicole; CARAYOL, Valérie. *La communication organisationnelle, une question de communauté*. Revue Française des Sciences de l'information et de la communication, n.4, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Être Affecté*. In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, n.8. 1990, p. 3-9.

GOLDMAN, Marcio. *Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica*. Etnográfica [online]. vol.10, n.1, 2006, p.161-173.

LETICHE, H.; LIGHTFOOT, G, *The Relevant* PhD, Rotterdam, Sense, 2014.

MACÉ, Marielle. *Styles: Critiques de nos formes de vie*. Paris, Gallimard, 2016.

MARQUES, A.C.S.; OLIVEIRA, A. K. C. ; MORICEAU, J. *A política da escrita e a performatividade da palavra do homem ordinário no método da igualdade de Jacques Rancière*. Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 6 n.12, 2018, p. 92-103.

MARQUES, A. C. S.; MORICEAU, J. *Cadrage biopolitique des personnes appauvries par l'image photographique: entre gouvernement des corps et biopuissance des modes de vie*. In: AYOUB, Chafik (ed.). (Org.). *Monde arabe et Amérique latine : confluence des dynamiques sociales*. 1ed. Paris: L'Harmattan, v. 1, 2018, p. 22-39.

MARQUES, A. C. S.; OLIVEIRA, A. K. C.. *L'écriture subversive: la performativité de la parole de l'homme ordinaire dans la méthode de l'égalité de Jacques Rancière*. Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels, v. 24, 2018, p. 113-132.

MARQUES, A.; MORICEAU, J.-L.; THERRIER, D. *Face aux migrantes Haïtiennes au Brésil: la recherche comme communication, hospitalité et considération*”, *Revue française des sciences de l’information et de la communication*, 2019.

MENDONÇA, Carlos. M. C.; FREITAS, F. A. *Le texte et le jeu dans l’écriture académique: une métaphore pour chercher le sensible*. *Revue Internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels*, v. XXIV, 2018, p. 217-229.

MORICEAU, Jean-Luc. *Une approche affective de la communication organisationnelle*, *Revue française des sciences de l’information et de la communication*, n. 9, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *An apprenticeship to pleasure: aesthetics dynamics in organizational learning*, *Society and Business Review*, Vol. 11 n°1, 2016, p. 80-92.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e um lugar ao sensível na construção do sentido*. In: PICADO, B.; MENDONÇA, C.; CARDOSO FILHO, J. *Experiência Estética e Performance*. Salvador, Edufba, 2014, p.107-130.

MORICEAU, Jean-Luc. *Tout contre la représentation*. Et si le but de la recherche n’était pas de représenter?, in *Société de Philosophie des Sciences des Gestion (dir), Les Prêts-à-penser en épistémologie des sciences de gestion*, Paris: L’Harmattan, 2014, p. 61-79.

MORICEAU Jean-Luc, H. Letiche, G. Lightfoot. *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics*, Rotterdam: Sense Publishers, 2016, p. 167-179.

MORICEAU, Jean-Luc. *Dans le tournant vers les affects*, in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale: S’exposer, cheminer, réfléchir ou l’art de composer sa méthode*, Caen, EMS, 2019, p. 83-100.

MORICEAU, Jean-Luc. *Longe da distância representativa: uma pesquisa que comunica e organiza*, in Ângela Cristina Salgueiro Marques, Ivone de Lourdes Oliveira Fábila Pereira Lima, *Comunicação organizacional: Vertentes Conceituais e Metodológicas*, Vol. 2, Belo Horizonte (BR): PPGCOM-UFMG, 2017, p.205-222.

MORICEAU, Jean-Luc. *A comunicação organizacional e os direitos do*

outro homem. In: MARQUES, A. C. S.; SILVA, D. R. (Org.) ; LIMA, F. P. (Org.) . Comunicação e direitos humanos (IV SICO). 1. ed. Belo Horizonte: SELO PPGCOM, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. *A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis*. In: PESSOA, Sônia; PRATA, Nair (orgs.). Desigualdades, gênero e comunicação. Livro do Congresso Intercom, 2019, p.41-49.

MORICEAU, Jean-Luc. *Can the researcher learn? Relatedness and the ethics of writing* (Guest editorial), Society and Business Review, Vol. 13, n°3, 2018, p.242-253.

MORICEAU, Jean-Luc. *Imagens-rostos, fotos de alteridade*. In: Ângela Cristina Salgueiro Marques et Frederico Vieira (Org), Imagens e Alteridades, PPGCOM UFMG, 2019, p. 7-12.

PESSOA, Sônia; PAES, Isabela. *Déficiences et capacités : bricoler avec care*, in: MORICEAU, J-L. et R. Soparnot, S'exposer, cheminer, réfléchir: Composer sa méthode de recherche qualitative, Editions Management et société, Cormelles-Le-Royal, 2019.

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*, Durham, Duke University Press, 2007.

ENCONTRO 1

Afetos e modos de pensar a Comunicação

Um primeiro pensamento que gostaria de destacar é que os afetos e a Comunicação estão muito próximos, ou seja, os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos. Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos. A perspectiva dos afetos é uma possibilidade de pesquisa na comunicação, uma possibilidade de perspectiva humanista, onde o estético, o ético e o político se juntam para pensar suas questões, principalmente para tentar pensar a Comunicação Organizacional.

É importante destacar que a própria pesquisa é aqui comunicação. A virada afetiva perturba e desafia muitos dos nossos hábitos de pesquisar, justamente porque pesquisar é por em comunicação. Na virada afetiva, a pesquisa não é apenas controlada pela teoria e pelos conceitos, estes são amplificados, questionados e colocados sob tensão pelos afetos e perceptos. É menos uma questão de dissecar e dissertar do que de experimentar o que estamos estudando. Não seguimos um método seguro, mas deixamos que o encontro nos guie (o que, em contrapartida, exige um esforço de reflexividade). A pesquisa começa menos com a teoria

e o pesquisador, e mais com o encontro com o outro, com o mundo e com o evento, com o que está vindo – e assim se volta não para temas previamente identificados, mas para o que no encontro é percebido como estranho, sutil, incompreensível, surpreendente, favorecendo momentos de extrema intensidade e significância. Ademais, a teoria não é apenas uma prerrogativa do pesquisador: os atores encontrados e os leitores contribuem ativamente para sua elaboração. A teoria é menos confirmação do que colocação em movimento, menos busca do geral do que atenção ao singular (que aponta para experiências universais). Antes de qualquer distanciamento, é a proximidade, o tocar, a experiência subjetiva, singular e plural que são privilegiados e que provocam a reflexão. O importante é tanto a presença no campo quanto uma obra de escrita, onde a presença viva e a mais contemporânea são colocadas em ressonância, em comunicação, com o passado e a memória, a cultura, os traumas, o imaginário.

Os afetos nos colocam em comunicação, e muitas vezes é a pesquisa que vem até nós, desde que estejamos prontos para sermos transformados pela experiência do ato de pesquisar, abalados em nossas crenças, nossas teorias, nossa sensibilidade. A pesquisa guiada pelos afetos requer, portanto, ao mesmo tempo, uma grande abertura aos outros e ao contemporâneo e é o trabalho de uma vida. Ela é uma comunicação com a sociedade, a filosofia, os nossos compromissos, as nossas formas de existência. Também se comunica com as outras “viradas”, por exemplo, a virada para a materialidade ou para o espaço, a crítica pós-colonial, feminista, queer. Além disso, muitas vezes é uma crítica, de nossas teorias, de nossas comunicações, do capitalismo e de nós mesmos. Afinal, se a pesquisa é encontro e comunicação, a ética certamente está ali, como propõe Levinas, filosofia primeira. E mais precisamente, como sugere Lingis, uma ética minoritária, uma ética ordenada pela minoria.

Neste primeiro encontro, gostaria de propor um panorama da abordagem, mostrar o projeto, os desafios, as possibilidades, começar a fazer sentir o gosto e o ambiente, apresentar exemplos e alguns dos principais protagonistas. Dedicaremos os próximos três encontros a três de seus momentos ou gestos fortes, o da hospitalidade aos afetos em seus poderes de desfamiliarização, de inquietante estranheza; o de pôr o

pensamento em movimento, de desconstrução e reavivamento; o da escrita para transmitir o movimento, de uma escrita performativa.

Afetos

Eu não vou começar minha apresentação com uma definição dos afetos, porque definir é finalizar, definir é fechar sentidos, e o desafio com os afetos é de adiar a chegada dos conceitos, é de manter os afetos vivos, em vida. E se nós começarmos por definir, os afetos vão morrer imediatamente. Os afetos, vocês sabem, vou mencionar rapidamente aqui, os afetos são diferentes de emoções. A emoção é algo que eu conheço, eu reconheço, eu posso nomear, eu posso dizer que tem uma significação, é familiar. Por exemplo, eu estou vendo uma criança chorando, porque o brinquedo está quebrado, eu a entendo, eu vou ficar triste, mas eu sei o que é. Essa situação está comunicando uma lembrança em mim, é familiar, eu a conheço.

O afeto é algo que é mais estranho, ou estrangeiro, que não sei o que significa imediatamente. É algo que é de fora, não é de dentro de mim, ele vai me obrigar a pensar, a mudar. Muitas vezes o afeto está misturado, atua desfamiliarizando o já conhecido, fazendo com que ele se abra ao devir. O afeto é muitas vezes singular, mas ao mesmo tempo singular e plural (retomando a expressão de Nancy). É singular porque ele acontece numa situação específica, cuja singularidade não queremos apagar. Não é uma situação geral, é um afeto específico numa situação específica sobre o qual vamos tentar pensar. Ao mesmo tempo, o afeto não tem uma dimensão apenas, um sentido certo, ele toma forma, todas às vezes, numa dinâmica plural. Nós não sabemos qual é a significação, pois o afeto escapa à captura por uma palavra, não se pode dizer “os afetos são isso”, senão, vamos perder o poder de mudar, a potência de transformar. Se tem uma definição possível, uma definição muito velha, é aquela oferecida por Spinoza: “o poder de ser afetado e de afetar”. O poder de ser afetado é uma sensibilidade e o poder de afetar é uma responsabilidade. E a questão da performatividade vai estar nas interfaces que se estabelecem entre a sensibilidade e a responsabilidade. Assim, nós não sabemos o que é o afeto, mas ele vai se manifestar por intensidades, velocidades, desejos, abatimentos, de muitas variadas maneiras.

Pesquisa com afetos

Pensar os afetos na pesquisa envolve ter claro que fazemos pesquisa não para testar uma teoria: não vamos usar uma teoria para descrever um caso. A meu ver, a pesquisa tem três momentos, como tentamos mostrar em um livro editado com Richard Soparnot (MORICEAU; SOPARNOT, 2019): o primeiro momento é uma exposição, um contato com o campo, contato com o que você está estudando; e vamos pensar este momento não como coleta de dados, mas como uma abertura, um acolhimento, um encontro. O segundo momento, é o movimento, em que o que você está encontrando vai fazer mudar algumas coisas, mudar o pensamento, mudar sua posição na pesquisa, mudar a teoria, pode até mudar sua vida na pesquisa. E o terceiro momento é o momento de reflexividade e de contrução de um texto. Reflexividade para questionar o método, reflexividade para criar a forma de exposição, mas a reflexividade pode envolver a significação, a importância que o trabalho possui para o âmbito social, para a política, para a situação em que se insere. E os afetos, com o poder de mudar, o poder de afetar e transformar é uma potência importante nos três momentos. Na exposição, ser afetado cria um movimento, os afetos vão mover e transportar a pesquisa, que vai tentar não representar, mas manter vivo e atuando essa força, e nós procuramos um movimento dentro do pensamento, dentro da teoria. Neste caso, as pesquisas não vão ser reduzidas a uma sistematização de teorias e utilização de um caso para ilustra-las. Então, o afeto na pesquisa, de modo breve, é algo estranho, que age colocando em movimento saberes e crenças, que aciona um processo comunicativo. O desafio vai ser guardar, manter essa estranheza, proteger as qualidades do não familiar, do movimento inquietante, não para explicar, mas para pensar, ou repensar, a partir deles.

De modo resumido, os passos que envolvem o gesto de fazer uma pesquisa que abrange os afetos requerem: ser tocado, ser afetado pela experiência, deixar esta experiência abalar e pôr em movimento a teoria, o que sabemos, chamando um reflexividade política e ética e exingindo uma escrita performativa, plural para comunicar esse movimento, essa inquietação, permitir experimentar, repensar, dar a pensar cada um e juntos.

Nós vamos tentar não converter os afetos em variáveis. Tentar, de verdade – não sei o que significa “de verdade” – ser afetado pela pesquisa e, como dizer, manter a sensibilidade, o movimento, a reflexividade, a comunicabilidade dessa experiência. E, assim, a perspectiva dos afetos vai mudar a abordagem do campo, porque o pesquisador permitiu ser afetado. No âmbito da pesquisa acadêmica tradicional, institucionalizada, tudo é feito para não ser afetado: o método utilizado é para evitar o afetar-se, evitar a exposição, a abertura. Você vai seguir o método, quer dizer, você não estará aberto ao que vai acontecer. Tudo em sua pesquisa está empurrando você não para mudar, o objetivo é o de reencontrar a teoria, o objetivo é o de seguir com as instruções prescritivas e roteiros apontados como adequados, não é o de mudar. Habitualmente o objetivo consiste, em outras palavras, em ler bem a teoria e garantir os requisitos presentes no modelo através da qual você vai ser avaliado.

Contudo, as pesquisas não se resumem a ler bem a teoria: precisamos usar a teoria para criar pensamento. O propósito e a abordagem do campo não são de se encaixar, ou ilustrar uma teoria, mas é destacar aqueles aspectos que privilegiam a reflexividade. Por isso, nós vamos tentando mudar a maneira usual de fazer pesquisa, e vamos ver que esse deslocamento em direção aos afetos vai mudar até o tipo de contribuição oferecida para a teoria, o modo de escrita e o próprio objeto da pesquisa – pode até reconfigurar o estilo de vida do pesquisador.

Por que nós falamos em uma virada afetiva? Não é só no sentido de que convidamos os afetos para atuar na prática pesquisa, mas significa que nós somos afetados pelo que pesquisamos e pela trajetória do “pesquisar”. A virada inclui como abordar o campo, como conduzir a pesquisa, o que é observado, as teorias de referência, o tipo de contribuição, os modos de escrever, etc. Há com os afetos algo em movimento, vivo e revitalizante que não deve ser perdido. Sob esse âmbito, a representação é exatamente aquilo de que nós vamos tentar fugir, porque a representação é algo que vai impedir o movimento.

Mantendo os afetos vivos

Se você começa a ler um texto da virada afetiva, imediatamente vai reconhecer que não é um texto usual. A maneira de escrever, a maneira

de usar a teoria, de descrever a situação, desde o início será diferente. Normalmente, o que um professor vai dizer é: “fique à distância, você precisa ser objetivo”, ou “Você vai fazer uma representação da Comunicação Organizacional, da Comunicação no Jornalismo, construir um modelo com variáveis, ou uma descrição, um estudo de caso, você vai descrever à distância”.

Do ponto de vista da virada afetiva, podemos achar que ao contato falta uma dimensão sensível, que lhe falta certa sensibilidade, que lhe falta uma forma de abertura e senso de lugar, pode-se dizer que a descrição é, de alguma forma, insensível. Muitas vezes podemos achar que a descrição não nos transporta à experiência estética de estar ali, no meio de rostos, paisagens e dramas, que lhe falta um trabalho estético para recriá-lo, que ela não toca, que está de alguma forma anestesiada, quase morta. Poderíamos talvez dizer: “des-afetada”, cujos afetos tenham sido removidos. Desafetados (*désaffectés*), em francês, quer dizer sem função, sem serventia ou, também, pode ser chamada de desafetada uma parte da cidade onde ninguém vai passar mais, que ninguém vai usar, não havendo mais nenhum afeto que nos prenda a ela. Nesse sentido, a representação é indiferente, no sentido de que isso não faz diferença para nós, não suscita afetos e não nos compromete, provavelmente porque o objetivo da pesquisa não é o de ser diferente, mas de ser o mesmo que a teoria. A representação vai usar as variáveis usuais, repetir a mesma história e não vai estar aberta ao estranho, ao estrangeiro.

Para manter os afetos vivos, e assim tentar ser fiel à experiência de estar ali como um pesquisador, um pesquisador tentando aprender, vamos tentar dois movimentos antes e além da representação: o primeiro movimento é de buscar um contato mais direto, mais bruto, de mergulhar no concreto, no vivido, no parcial, no local específico, no relacional. Por meio desse gesto, vamos descrever os corpos, os rostos, os dramas, as formas de vida, da maneira que vamos encontrá-los. O objetivo é se deixar afetar, dizer, colocar-se em movimento, modificar a experiência. Não é o de olhar tomando uma distância. É difícil, pois usualmente nós não gostamos dessa proximidade na pesquisa. E o segundo movimento requer que nos atentemos para o fato de que é no afeto,

na experiência, que vamos achar rastros do político, do memorial, do ético, do existencial, do efeito das estruturas, da história, do biopolítico, do imaginário. Entrando em contato com um acontecimento, algo nos contagia e produz em nós uma sensação de cólera ou de alegria, ou um medo que nos revela que temos uma sensibilidade, que podemos sentir. Sentir pode não ser sinônimo de ver, mas podemos sentir o político, o memorial, o ético sem ver los. Normalmente para onde estamos indo, não vai ser uma representação, mas um movimento para o local, para a experiência mesma e os pensamentos que nós temos durante a experiência, intensificados e confrontados com uma discussão com as teorias. São colocados lado a lado o aspecto mais direto e a multiplicidade de contextos que colorem essa experiência. Aprendemos com ambos e também com a conexão entre os dois. Passa-se, assim, a uma tentativa de colher os rastros do político, do memorial, do ético e do existencial, ressaltando o efeito das estruturas, da história, da biopolítica, do imaginário, do contágio, enfim, envolvendo reflexivamente o efeito de nossas ações.

Pesquisa tocante e contaminante

Existem alguns autores importantes na virada afetiva e uma delas é Kathleen Stewart. Seu livro mais recente, *Ordinary Affects*, nos convida a desacelerar a rápida passagem ao pensamento representacional quando pesquisamos. Isso porque produzir uma representação é agarrar o objeto à distância, evitando ser afetado, o que é mais fácil e confortável. Assim, o objetivo de Stewart no livro é atrasar a chegada da representação e da crítica avaliativa de modo a oferecer mais tempo ao pesquisador e ao leitor para encontrar caminhos de abordagem para os objetos complexos e incertos que nos fascinam, justamente porque eles nos atingem e nos tocam. Segundo ela, o esforço de pesquisa não deve ser o de finalmente conhecer esses objetos, colecioná-los em uma boa narrativa, mas de elaborar um tipo de aproximação que seja adequado à sua forma, que possa acolhê-los, performando algo de sua intensidade e textura.

Stewart mobiliza um vocabulário que privilegia ações como tocar, produzir impressão, o que permite justamente criar uma zona de contato com os objetos. Assim, pesquisar não é descrever ou nomear, mas fazer

pesquisa, encontrar um modo de acolher ou causar uma impressão. O primeiro momento, pode-se dizer, é o de tocar, não de ver. A teoria, se voltarmos à sua etimologia, é uma questão de ver, é como um espetáculo: queremos que a teoria não filtre completamente a experiência, que antes de ver, de longe, o que está acontecendo, é preciso tocar, sentir a experiência, viver a experiência.

O contato vai ser primeiro marcado pela experiência de tocar e de ser tocado. Tocar possui três sentidos em português. O primeiro refere-se à emoção, à expressão que resulta de estar sensibilizado por uma situação, um comentário, um elogio. O segundo tem a ver com a música, pois é possível tocar instrumentos musicais, tocar uma música (esse é um sentido que não existe em inglês ou francês, um vez que nesses idiomas usa-se a expressão “jogar música” – *play music, jouer un morceau*). A performance é muito importante aqui, pois tocar/jogar música é performar, e vamos notar como a música nos envolve. E o terceiro sentido é o de experimentar, ter experiência sensorial. E os cinco sentidos são importantes aqui, assim como as sensações, os sentimentos, a sensibilidade, a sensorialidade e a sensualidade também. Nancy explica bem que todas essas formas de contato estão no nascimento do sentido. Mais que interpretar, os afetos nos forçam a pensar, criar novos conceitos, a deixar nascer algo, ao mesmo tempo, singular e plural. Interpretar pode ser uma atividade criativa, mas pode ser limitada à tradução para a linguagem teórica, sem que aquilo que encontramos nos afete, nos instigue a pensar. Tem um livro muito bom de Eve Sedgwick, *Touching feeling*, que brinca com essas significações do verbo tocar e sua importância na compreensão do mundo ao nosso redor. Ela mostra o quanto os sentidos, os afetos e o sentido são de um mesmo tecido.

Porém tocar, aproximar-se de rostos, paisagens e acontecimentos, não nos deixa a uma “*safe distance*”. Uma perspectiva da qual muitos discordam é a de que o tipo de saber e conhecimento que buscamos pode ser uma saber “contaminado”, (a expressão vem de um outro livro de Stewart), no sentido de que, ao deixar viver e trabalhar a experiência, vamos nos expor e nos engajar em um processo, e ser afetados. Cabe a nós aceitar ou não “ser contaminado” e, por isso mesmo, “contaminar”, ou seja, ao estar presente em uma situação específica de investigação, o

pesquisador vai afetá-la e, por sua vez, vai se expor, mudar e ser afetado por ela. É importante ressaltar que esse processo promove uma reflexividade e requer uma recusa ao excesso de distanciamento, pois é preciso viver a experiência e deixá-la trabalhar, ou seja, “experimentar a experiência” (MASSUMI, 2015). O sentido dessa experimentação é o de fazer nascer, algo bem distinto de coletar dados, pois o argumento é o de que os afetos vão nos forçar a pensar, a criar novos conceitos, a produzir uma oportunidade de “tornar-se”.

Deixar o afeto nos invadir e pensar a partir dele

Nesse sentido, Isabela e eu gostaríamos de apresentar a vocês um trecho de um texto que escrevemos (juntamente com o prof. Carlos Mendonça) acerca de uma experiência que tivemos em uma batalha ou duelo de Mc's que ocorreu em baixo do Viaduto de Santa Tereza em Belo Horizonte:

Agora é Monge quem fala. Todo mundo se levanta, se junta, como um só corpo. “Vamos fazê barulho!” E os gritos competem com a música e o microfone. O som está subindo, o tom está subindo, a energia está invadindo rapidamente a cena, eletrificando-a. Algo acontece entre todos esses corpos jovens, ritmados pela música, toma os quadris e as vozes em ondulações crescentes. “Tamo de volta! E a gente é mais chato que carrapato quando gruda, é ruim de tirar nós.” Com algumas palavras, pouquíssimas palavras, a unidade desfeita há um ano e meio se recola novamente em todo seu ardor. Os bonés da hora, os ombros tatuados, os cabelos longos, os tênis desamarrados, as cordas vocais, tudo foi colocado em movimento e reconectado, regenerado, em sobrevoltagem, mais animado que revoltado. A festa voltou. E a festa deles me toma. Eu estava apenas esperando, esperando esse momento. E agora eu tô... eu tô excitado, tô dançando. Eu não entendo as palavras, mas eu entendo o que atravessa todos esses que estão presentes, essa energia contagiante, essa seiva da juventude, esse barulho, que toma, que nos toma, independente do sexo, origem, idade, orientação. E também essa fúria. E como explicar que nós estávamos calmos, parados, cada pequeno grupo olhando uns aos outros como estrangeiros e, de repente, nós formamos um só corpo, um só corpo tão cheio de energia.

Esse trecho foi escrito depois da primeira vez que fomos a um duelo. No extrato destacado acima, é evidente que não é só uma questão de lugar, uma questão da ocupação do espaço pelos jovens, pois podemos sentir a excitação, o desejo, a cólera, a onda de raiva, a frustração misturada com tantos desejos e necessidade de expressão, podemos sentir os fantasmas de batalhas passadas e os ciclos de modelos estéticos ou práticas, como nos estádios americanos ou originalmente nos Estados Unidos nos anos 70.

É possível percebermos, na narrativa dessa cena, a vontade de romper, de existir, de seduzir. Um tipo de comunhão, de ritual, de drama social, de criatividade, tudo isso é produzido em um momento específico. Optamos por descrever o momento e, assim, temos material pensar e fazer reviver os afetos que nos tomaram. Certamente, podemos fazer entrevistas, passar mais tempo com esses jovens, ou seja, desenhar uma proposta de pesquisa habitual, mas esses suplementos não devem nos fazer perder aquela bola de sentido, aquela experiência que tem tanto em que pensar. No nosso caso, o recorte metodológico foi pensado para destacar alguns episódios que consideramos importantes pelo modo como nos afetaram. Tentamos pensar esses acontecimentos e partir do pressuposto de que se trata de um contato com o estranho, com aquilo que não é familiar e que não podíamos ter imaginado antes. O objetivo não é repetir o que sabíamos previamente, mas nos expor ao desconhecido e, se tivermos sorte, vamos sentir algo que vai nos empurrar a pensar novamente.

O que acontece nos duelos de MCs é bem diferente do enquadramento conferido por algumas mídias. Se você não se vibrou neste lugar, e se não fez ressoar estas vibrações com outros acontecimentos na cidade, é difícil entender as reivindicações, este engajamento com o lugar, os movimentos de ocupação e as lutas, os reforços vindos de outros movimentos. A experiência foi muito tocante. De alguma forma isso nos obrigou a escrever. Encaixar esta experiência numa teoria distante do que vivenciamos, com a pretensão de explicá-la, seria de alguma forma algo desrespeitoso. Por outro lado, fazer a experiência vibrar e ressoar com uma ou mais teorias para testemunhar e transmitir o que está acontecendo, para realçar a primeira impressão e refletir sobre um signifi-

cado acerca do que encontramos, para propor sentido e não a explicação, já é um objetivo considerável.

Vou pegar um exemplo da vida cotidiana para ilustrar a intuição de Stewart de que os afetos que surgem nas experiências mais comuns que podem instigar a reflexão no mundo contemporâneo. Fomos ao Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos de 2016. No Boulevard Olímpico havia uma grande quantidade de publicidade de diferentes instituições e organizações (nos impressionamos com os balões dirigíveis e com os enormes cartazes de propaganda). Esse parque, muito próximo ao mar, era um lugar muito agradável, e caminhávamos com prazer perto da água do mar, em meio às mensagens dos estandes de várias organizações, que eram em sua maioria discretas, mas algumas eram mais invasivas. Fomos caminhando e, em alguns momentos, fomos surpreendidos pela “estranheza preocupante”, como diz Freud no texto acerca do inquietante. Vou apenas mencionar algumas pistas. Quando Arthur, nosso filho, foi brincar dentro de um carro da polícia militar, havia ao lado alguns policiais com metralhadoras, com suas mãos pousadas sobre essas armas. Todos foram simpáticos com Arthur mas houve algo dissonante com o resto da experiência. Dois dias antes desse episódio, como me contou Isabela, vários tanques haviam bloqueado essa avenida por onde caminhávamos.

Assim, apesar de nosso passeio estar envolto por uma atmosfera prazerosa e calma, o cenário maior – silenciado e, de certa forma, invisibilizado – era de terror, com ameaças de terrorismo e violência à espreita em cada canto. As forças militares estavam lá para garantir que este evento desportivo, mas também comercial, mediático e político, acontecesse sem nada imprevisto. Tudo foi feito para que não pensássemos nisso, para que nossa atenção se prendesse ao consumo, às marcas, aos belos corpos... Outra impressão dissonante, uma mistura de vergonha e raiva quando, atrás das bancadas, nos deparávamos com andaimes e tapumes, fios elétricos por terra, apetrechos de construção cortantes, muitos aspectos perigosos para os trabalhadores, enfim: havia esse outro lado do cenário, o do fosso nas condições sociais, esse lado que o visível tentava acobertar, para não nos afetar, anestesiando-nos com a beleza e a fabulação dos Jogos Olímpicos. E, ao nos deslocarmos

em pequenos passos, houve a sensação de que havia algo que não correspondia, entre essa impressão de calma, sem luta, tudo em seu lugar e o que os Jogos estavam celebrando. Na fantasia que cerca os atletas, tudo nos faz crer na fábula em que, em um minuto, pode surgir um herói que deixa para trás o sofrimento, a dor e o ostracismo. Nos chamou a atenção o fato de que muitas pessoas trabalhavam no Boulevard Olímpico, mas a maioria delas não teria condições de entrar nos estádios para ver os jogos por causa do preço dos ingressos. Ele era mais um espaço aberto todo tomado pelos estandes e anúncios de empresas, onde não se tinha nenhum contato com o que seria de fato uma Olimpíada: não havia no Boulevard uma quadra, uma bola, meninos brincando, atletas se exercitando. O que estava a ser celebrado era mais negócio do que desporto.

É possível argumentar que essa experiência no Boulevard Olímpico nos apresentou uma forma de estetização do mundo (LIPOVETSKI; SERROY, 2013) que torna um espaço em um não-lugar (AUGÉ, 1992), ou seja, um lugar em que todos mantêm sua posição, seus privilégios e sua participação no consumo. Um lugar em que tudo é feito para apagar as feridas, ameaças e causas do terrorismo, produzindo um duplo efeito sobre a subjetividade: a excitação e a retração. Essa mistura complexa e o desafio de olharmos para as interseções dessas dimensões da experiência nos aponta pistas dos contextos, efeitos e desafios da Comunicação Organizacional. Ao mesmo tempo, temos a chance de aproveitar a inquietação provocada por ela e assumirmos nosso quinhão de trabalho reflexivo sobre as realidades que observamos e, nesse gesto, recortamos uma situação singular. Podemos dizer que essa experiência nos inquietou, gerou em nós um estranhamento, um desassossego (para lembrar de um livro do Fernando Pessoa), algo que nos posiciona contra a estetização do mundo, que nos faz acionar conceitos para pensar como, no caso dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, podemos construir uma reflexividade ética capaz de questionar o modo como a cena projetada camuflava várias linhas de força e assimetria. No Boulevard Olímpico tudo é feito para manter todos em seu lugar, celebrando o momento por excelência em que todos os lugares (esportivos) são recolocados em jogo.

Contudo, é muito fácil dizer: “bem, a Comunicação Organizacional é ruim porque é um exercício de poder”. O que nos chama a atenção é modo como, mesmo sabendo disso, há um entranhamento forte entre crítica e naturalização das desigualdades, porque passeando pelo Boulevard achamos essa experiência agradável, segura, sem pedintes ou bandidos para perturbar a tranquilidade de quem caminha. Nós fazemos parte das forças mesmas que criticamos! Essa mistura de prazer e vergonha, de presença e ausência do terror, das desigualdades e, sobretudo, essa impressão de contribuir para um sistema, de estar preso em algo que entendemos e não entendemos, ao mesmo tempo ressoa com e complexifica teorias familiares. Isso nos coloca dentro do mundo e não acima dele para olharmos para ele. Todos esses afetos nos desafiam eticamente e politicamente, mas não de um ponto de vista abstrato, mas a partir da própria experiência dessa estranheza de afetos sentidos. Aqui somente uma reflexividade ética pode ajudar a entender não uma polarização entre dominação e resistência, mas um processo extremamente complexo e sensível, que nos envolve, solicitando-nos que reflitamos e respondamos.

Reflexividade ética e política

Tal reflexividade ética implica uma atitude política e sensível do pesquisador: o ato de incluir-se e sentir-se afetado dentro da pesquisa e pela pesquisa. E mais: implica sentir-se obrigado a engajar-se (VEISSIÈRE, 2009, 2010). Requer posicionar-se à escuta do outro antes de considerar previamente qualquer conhecimento preconfigurado acerca de sua existência (LINGIS, 2016). Assim, estamos tratando de uma reflexão acerca de nosso lugar, do encontro que podemos produzir entre conhecimentos acadêmicos e saberes das ruas, dos gestos e fazeres cotidianos.

Nesse sentido, gostaria de trazer aqui mais um exemplo do que estamos considerando como reflexividade ética (e política). Em um texto recente, Alphonso Lingis (2016) convida-nos a refletir sobre a noção de justiça. Não posso reduzir a complexidade e delicadeza da escrita desse autor à minha narrativa, mas há um exemplo que ele nos oferece que merece ser destacado aqui. Lingis conta uma história que se inicia

com sua ida à Indonésia para um passeio e também para procurar a fêmea de um pássaro raro que pudesse fazer companhia à um pássaro da mesma espécie que possuía em sua casa. Uma vez na cidade de destino, foi ao mercado e, após muito procurar, não encontrou o pássaro que buscava. Então, um senhor se aproxima dele e diz: “eu posso encontrar um para você, mas vai demorar um pouco. Se você não se incomodar em pagar pelo pássaro e pelo frete, posso enviá-lo a você.” Lingis pagou pelo pássaro, retornou aos Estados Unidos e esperou durante muito tempo, sem nunca tê-lo recebido.

Por outro motivo, um ano depois ele retornou àquela cidade e, estava andando pelo mercado, quando avistou o mesmo senhor. Este, nervoso e apreensivo, em vez de fugir foi até Lingis e se ofereceu para ambos irem até a delegacia de polícia. Chegando lá, o oficial escutou a versão de cada um dos dois. O delegado, então, pergunta ao homem do mercado se ele poderia trazer o pássaro pelo qual Lingis já havia pagado. O homem agradece e responde que no dia seguinte retornaria com o pássaro. Contudo, no dia seguinte e no horário combinado, o homem não apareceu. O delegado oferece chá, se desculpa com Lingis manda seus homens procurarem o senhor do mercado. O dia passa e, ao conversar com Lingis o delegado descobre que ele tinha vontade de conhecer um local da cidade onde justamente o oficial tinha uma casa. O policial ofereceu a Lingis a oportunidade de passar alguns dias com sua família nesta casa. Tudo isso pode soar muito estranho. Os personagens são singulares e, acima de tudo, imprevisíveis. Seria apressado demais concluir que estes são apenas episódios insignificantes. E ainda assim sua reflexividade o faz pensar que este é um exemplo de justiça. Mas não num sentido de seguir a regra, mais de configurar um tipo de justiça distributiva. E de mostrar que o professor de filosofia, que certamente ensinava a idéia de justiça, estava recebendo uma lição.

Assim que saí da delegacia pude entender o que aconteceu. Quando o senhor do mercado não compareceu ao local às 9 horas com o pássaro, o delegado enviou um oficial atrás dele para verificar o que havia ocorrido. Ele retornou sem encontrá-lo. Na verdade, o senhor do mercado não havia conseguido encontrar o pássaro raro. Em toda a Indonésia uma pessoa confia na palavra de outro

membro e sua comunidade e acredita que pode contar com ela. O senhor do mercado não tinha sido capaz de enfrentar o delegado que tinha confiado nele. Sem dúvida ele apareceria quando eu não estivesse mais lá, mas o delegado julgou que aquilo não seria suficiente para explicar a mim o ocorrido. Como homem da lei de sua comunidade, ele considerou que seria sua tarefa resolver a discórdia: uma vez que ele não tinha conseguido um pássaro para mim, ele ofereceu-se para me proporcionar o que julgou ser realmente importante para mim: passar um final de semana com uma família indonésia, a sua própria família. Não estou certo se deveria ter aceitado o convite, mas entendi que ainda que essa proposta tivesse a possibilidade de solucionar o problema para o delegado, ela só teria sucesso se não fosse uma imposição e se eu não me sentisse obrigado a aceitar. Uma dádiva não é um presente se for imposto. Penso hoje que o delegado nem sequer suspeita que ele tinha oferecido aquilo que, para um estudante de filosofia, é mais precioso do que o dinheiro gasto com um pássaro exótico: um insight. (LINGIS, 2016, p.92).

No início do texto, Lingis explica que a teoria da justiça nem sempre consegue contemplar as singularidades que não se dissolvem na universalidade da regra e da lei. Ele diz: “um dia, a justiça acontece diante de seus olhos” e, ao se dar conta das sutilezas que envolviam os sujeitos implicados, seus valores e contextos de existência, ele comenta que a dádiva que recebeu nessa experiência foi mais preciosa que ter o pássaro pelo qual pagou: um *insight*. A compreensão da justiça expressa por Lingis foi transformada por esse acontecimento. Mas ele não afirma isso tanto diretamente: ele não nos diz como pensava antes e como devemos definir a justiça ao final. Ele nos dá material para reflexão, nos oferece pistas, indícios, afetos, mas não uma representação. Para ele, inspirado em Lévinas, é importante sentir, ouvir, perceber os apelos que se enunciam a partir do encontro com o rosto¹ do outro. O senhor do mercado

1 Na célebre definição de Lévinas, “o rosto fala e me olha, chama por mim, me demanda” (LÉVINAS, 1999, p.163). Assim, o rosto não se reduz à sua manifestação física (a face humana), mas remete à transcendência, ao infinito, contrariando a totalidade presente na tentativa de sua apreensão pelo conceito. O rosto nos lança um apelo que se distancia da hostilidade e se aproxima da hospitalidade que acolhe e, ao mesmo tempo, interroga e demanda uma resposta. Assim, experienciar a face do outro é experienciar um sentido de

provavelmente até tentou achar o pássaro, mas não conseguiu e teve vergonha de voltar e expor seu fracasso. Contudo, o policial ofereceu a possibilidade de reparar o dano cometido.

Na percepção do policial, Lingis se apresentava como turista que tinha muito dinheiro, uma vez que era professor de uma das melhores universidades dos Estados Unidos. Sendo assim, o mais importante para ele seria, na visão do policial: ter a chance de poder encontrar pessoas comuns da ilha, por isso convidou-o para estar com ele e sua família em um final de semana. Lingis, descrevendo esse acontecimento, nos oferece, nas entrelinhas, uma chave para pensar sobre a justiça a partir do pensamento de Lévinas. Alphonso Lingis foi tradutor e organizador, entre outros, de livros tão importantes quanto *Totalidade e Infinito* ou *Outramente que ser*, e do *Philosophical Collected Papers* (1987), e que reúne textos escritos por Levinas a partir dos quais podemos depreender que a justiça emerge não a partir da aplicação cega das leis, mas é gestada no encontro entre a singularidade e a norma. No texto de Lingis, ela não está escrita, está sugerida, precisamos fazer um esforço para compreender, utilizando recursos de sua própria experiência, de uma maneira que você certamente não vai mais se esquecer, pois essa forma de narrar altera sua concepção de justiça. É necessário que o leitor, por sua vez, passe pelo afeto, que ele trabalhe, por sua vez, para receber um *insight*.

A contribuição teórica dessa forma de apropriação ética dos acontecimentos está em não adicionar um novo elemento a um conhecimento já dado, ou em encontrar uma teoria para confirmar ou repetir o que já se sabe, mas colocar o já sabido e colocá-lo em movimento, afetando a própria teoria.

Na reflexividade ética, há uma busca que não só transforma a teoria, mas também o pesquisador: permitir a agência dos afetos nos leva a encontrar algo dentro de nós que pode não ser belo: podemos sentir cólera, vergonha, medo, uma vez que somos instados a estar em contato direto com uma situação em que prevalece o desconhecido, o inquietante (Letiche & Lightfoot, 2014). Isso significa que a pesquisa perpas-

responsabilidade diante da vulnerabilidade, permitindo que um indivíduo encontre a si mesmo ao atender ao apelo do outro

sada e guiada pelos afetos deve acolher o “estrangeiro” em nosso pensamento, pois é ele que vai nos obrigar a pensar de novo, de outra maneira.

A contribuição desse percurso está em fazer nascer algo novo por meio de um esforço do pensamento, um esforço de desconstrução. É preciso lembrar que desconstrução não é destruição. É um arranjo que nos permite desarticular pensamentos que se encadeavam sob certa lógica considerada “correta”, nos permite fazer tremer, mudar um pouquinho essa construção, para que outras construções sejam possíveis. Não pode haver certeza de que a segunda construção pode não seja a melhor, mas se temos diferentes possibilidades de pensar a situação, isso pode potencializar nosso gesto reflexivo. Ou seja, quando temos diferentes vocabulários para pensar, podemos ampliar o universo fabulativo e nossas ferramentas criadoras de enunciados. Temos mais de uma linguagem só para pensar o que se manifesta. E para abrir outros horizontes éticos e políticos. A possibilidade de uma ética não majoritária, que vem do outro, do vulnerável, do Sul, da mulher, do queer, do deficiente, do migrante, do singular plural dentro de nós mesmos.

Afetos e performances

Outro elemento que gostaria de destacar neste primeiro encontro é que, se o papel da representação é reduzido, o contrário acontece para a noção de performance. Na virada afetiva, encontramos performances em vários lugares. Pode ser, inclusive, que uma pesquisa seja uma performance. Poderia citar aqui dois exemplos. Um primeiro exemplo se relaciona com a Comunicação Organizacional. Citarei aqui o caso de um teatro parisiense muito famoso que se chama Lucernaire, localizado no centro de Paris (MORICEAU et al., 2018). Há mais de dez anos atrás, o diretor, que foi o fundador do Lucernaire, reclamou publicamente que os patrocínios que garantiam o funcionamento do teatro haviam sido cortados. Para tornar suas reclamações e demandas mais capazes de circularem amplamente e sensibilizarem um maior número de pessoas, ele usou um tipo específico de Comunicação Organizacional: ele criou com um colega e interpretou uma peça de teatro para performar uma situação em que um diretor do teatro faz uma greve de fome para chamar a atenção pública para o estado de precariedade do teatro.

Contudo, a greve de fome não era mera encenação, ela ocorria de verdade, pois o diretor iniciou o jejum no primeiro dia de estréia da peça. Então, ele elaborou duas formas de performance. Uma, um pouco mais comum, se desdobrou na esfera do teatro: fazer uma peça de teatro política, utilizando o teatro e sua linguagem cênica para expor a situação de penúria e oferecer elementos para o público pensar. Outra maneira encontrada foi criar e vivenciar uma performance, porque o diretor, aos 74 anos de idade, experimentou de fato a situação de passar fome. Não foi uma decisão fácil, na mesma época a esposa dele enfrentava um câncer em estágio terminal. Uma situação gravemente trágica. Assim, fazer a greve de fome não só mostrou a importância do que estava em causa, mas produziu um acontecimento, uma vivência, uma articulação entre a performance ficcional na peça e a performance real da greve de fome como protesto (ver SCHECHNER, 1995). Dito de outro modo, o diretor mostrou a situação quando criou-a através dessas duas performances. Como fazer uma pesquisa sobre isso?

Diante desse caso, você pode fazer uma representação, explicar os elementos que compõem a situação, derivados majoritariamente da ausência de dinheiro para a arte. Essa é uma explicação que preserva a distância entre quem enuncia e quem interpreta. Pode ser interessante produzir essa representação, não tenho nada contra isso, mas é provável que esta representação seja recebida pelo leitor intelectualmente, perdendo alguma da força da mensagem que você recebe quando assiste à peça, quando você se depara com a cara emaciada do diretor engajando sua vida. Se o objetivo é manter os afetos vivos, seria necessário trazer a situação, tornar possível ao público senti-la, vivenciá-la. Fazer uma greve de fome é uma possibilidade, mas outra possibilidade seria escrever um texto que permitisse ao público ser afetado pela situação, pela nudez do corpo emagrecido, pela sensação de penúria, pela dor, pelo padecimento do corpo sendo extenuado pela greve de fome, o rosto emaciado. É preciso sentir esse trauma para compreender o contexto, e também o texto, da experiência. Não é só uma questão de repartição orçamentária, na qual os poderes institucionalizados definem e redefinem as destinações (cada vez mais desiguais) de verbas. Se o objetivo é fazer com que outras pessoas compreendam a situação, é necessário

elaborar uma performance, ou seja, o texto deve ser uma performance, porque assim o leitor tem maiores chances de perceber e de compreender a situação.

Se conseguirmos escrever um texto que funcione como uma performance, e não como uma explicação ou uma simples representação, então seremos fiéis à comunicação do diretor, a algo que é comunicado na sua mensagem que, de outra forma, correria o risco de ser distorcido. Se o texto pudesse reproduzir esse grito que invoca a ameaça de morte do teatro, de presença viva e reflexividade sobre a sociedade, então ele teria assegurado a espessura da transformação colocada em cena. A morte deste teatro, que é o da audácia criativa, criado em 1968 com uma idéia de liberdade, criado por amor a um “ser” que está morrendo. Tudo isso está sendo dito, gritado, afectando, mas você sente que quando eu os nomeio, esses gritos perdem muito de suas forças em comparação com o que foi expresso sob a forma de um grito por um corpo em greve de fome, um corpo em performance, um corpo performático. Se o texto consegue transmitir um pouco desse grito, mostrar um pouco desse corpo-rostro, então a narrativa não só é mais fiel como mais performativa. A pesquisa não explica, não julga, mas transmite e oferece material para pensar. Ela pode propor uma reflexão, que não se dá como o sentido a ser retirado, mas a proposta de um sentido, para compartilhar com o leitor o pensamento.

Na virada afetiva, partiremos da convicção de que não se pode pesquisar seriamente tal caso sem primeiro ouvir esse grito com sensibilidade, sem se expor ao corpo-rostro em greve de fome, sem se deixar afetar. Que uma descrição distante e sem afetos, anestesiada, perderá algo essencial e poderá até repetir a violência ou a indiferença de certa surdez que este diretor denuncia. E que nos deixarmos afetar pode nos levar a uma aventura de pesquisa que ainda não destino definido, mas sentimos que nos levará a pensamentos nascentes que vão além de um quadro teórico explicativo isolado. Assim, o leitor não será ele mesmo exposto à situação, a menos que consigamos produzir um texto performativo, um texto que consiga transmitir os afetos e a atmosfera e, então, nosso papel não será explicar-lhe o que ele precisa entender, mas levá-lo a refletir conosco.

É possível pensar aqui em outro exemplo sobre as conexões entre afetos, movimento e performance. A companhia de teatro *Luna Lunera* fez uma peça que se chama “Prazer”, inspirada na escritora Clarice Lispector – inspirada porque o objetivo não era ser exatamente fiel ao texto, mas evidenciar como o texto afetou os atores. O espetáculo deu origem a um conjunto de processos acerca da aprendizagem da vida, do prazer, do viver. Ao invés de interpretar o texto, os atores improvisaram a partir do que uma passagem do livro ressoava com sua própria experiência de vida. As improvisações deram origem não a um receituário ou prescrição acerca de como aprender a viver, mas almejou dar corpo à experiência de aprender, à experiência da aprendizagem. Não se tratava de falar sobre aprendizagem ou imitá-la, mas de transmitir o gesto, de tornar a aprendizagem sensível. É como se nada fosse dado, pois tudo requeria aprendizagem. Aprendizagem do viver dos atores, do fazer um espetáculo, dos modos de inventar um jeito para transmitir a aprendizagem ao público, ao mesmo tempo em que ele dela participa. Nada era dado, tudo estava em movimento. E, nesse momento, todos estavam em movimento, porque uma aprendizagem é um movimento. Havia esforços difíceis para manter o movimento.

Aprender é movimento, então se o movimento parou, a aprendizagem torna-se representação e não movimento, força, processo que busca a si mesmo. E a peça mudava constantemente, a cada encenação, a cada interação dos atores, senão a aprendizagem poderia ser bloqueada. Assim, a ideia seria a de permitir um movimento contínuo, de construir uma performance que não almejasse explicar o movimento, mas manter as forças, as linhas de força, manter a intensidade das mutações, manter um texto para o leitor viver, sentir sua carne e sua intensidade, a partir do lugar e da perspectiva singular de cada um. O intuito era o de tentar colocar em cena exatamente o movimento interno, o movimento humano que aquele texto provocava nos atores. Não de traduzir para o público o que Clarice Lispector queria dizer, mas de acionar forças capazes de provocar e movimentar sensações, impressões e movimentos inesperados nos atores e no público.

É mais ou menos a mesma lógica que queremos seguir em nossas pesquisas. Para que a pesquisa nos permita aprender algo a cada vez,

deveríamos deixar que o que encontramos coloque em xeque nossa abordagem, nossas expectativas, impulsionando nossos conceitos em movimento. Além disso, ao invés de explicar, dissecar, representar, deveríamos tentar “performar” o movimento, fazê-lo à nossa maneira a fim de comunicar seu poder desestabilizador e de aprendizagem. Em cada projeto de pesquisa, tenho a impressão de que o tema é muito grande, muito importante para mim e que devo reaprender a ser um pesquisador.

A escrita performativa

Podemos parecer estranho dizer que um texto, especialmente se for escrito e por isso fixo, pode comunicar movimento, performar, agir. Stephen Linstead (2017) afirma que em vez de representar a experiência do outro, ou expressar o sentimento do encontro com o outro, o que pode ser caracterizado como uma etnografia muito usual, um texto pode procurar envolver o leitor evocando elementos afetivos dessas experiências ou encontros, imergindo-os na abertura do texto, ampliando a ideia de “*scriptibility*”, de Barthes. Segundo ele, na escrita performativa não há representação: a relação com o leitor não é uma relação de explicação, mas sim de imersão, na qual se busca fazer algo ao leitor. Voltaremos nos próximos encontros à sua proposta de escrever “textos-performances críticos afetivos”, porque a escrita é essencial e não possui a mesma função do relato.

De modo muito breve, pode ser uma escrita crítica e clínica. Vou dar um passo adiante no estranhamento, falando sobre a clínica aqui, palavra que tomei emprestada de Deleuze. Há muitos textos que podemos chamar de clínicos, nos quais o outro ou o autor vai explicar os afetos considerados muito importantes em sua vida: vinculados à perda de uma criança, o acontecimento de um acidente, uma doença grave, enfim, algo muito pessoal e muito importante. Nesse sentido, o texto não vai buscar dizer “oh, é muito difícil”, mas tentar permitir que as pessoas, que os leitores compreendam a situação, os milhões de afetos, de sentimentos, e angústias que permeiam essa e sua existência naquele momento. Também pode ser clínico no sentido de mostrar desvios em relação ao normal, ao maioritário. Mostrar os lados obscuros e ocultos,

os afetos tristes e os pensamentos inabaláveis, mas também apontar os devires, os inventos, o que ainda não está normalizado, o que resiste ou que inventa novas possibilidades de vida. Pode ser até uma clínica para a sociedade, por exemplo, como os trabalhos de Žižek, que faz textos que vão empurrar-nos, mover-nos para uma terapia da sociedade como Hugo Letiche mostrou. Pode ser um crítico que vai criticar a crítica, fazendo “tremar” os textos críticos, discutindo com eles. Aqui não é o pesquisador que explica, que sabe e tenta fazer os outros compreenderem. O pesquisador vai elaborar algo e partilhar a reflexão com o leitor ou com o público. Não se trata de enfraquecer a crítica apontando certas falhas, mas de mantê-la viva, comovente, eficaz, na vanguarda da contemporaneidade, de impedir que ela se feche em um sistema.

E podemos nos aproximar ainda mais da performance, lançando mão das performances acadêmicas, como faz Alphonso Lingis. Lingis não propõe apenas um texto, sua apresentação é uma performance. Ele nos traz imagens, sons, palavras, e a voz dele nessas apresentações não é a voz de um professor, é a voz de um performer. Assim, sua forma de ensinar reconfigura uma partilha do sensível na construção do conhecimento que é pautada pelos três movimentos que vimos. Ele reconfigura a partilha do sensível, porque não se apresenta como o professor que conhece e dá explicações. Ele testemunha o que aprendeu através de um encontro e tenta recriar essa experiência para que o leitor, ou melhor, o espectador, tenha a chance de viver um pouco essa experiência, uma vez que ele é bombardeado pelos afetos que ela provoca. E esta configuração permite os três movimentos: a) a exposição e a abertura (como imergir o leitor no texto, para fazê-lo reviver a situação, seu contexto, sua atmosfera, seus afetos); b) o caminhar, colocar-se em movimento e colocar a pesquisa em movimento (lembrando que o movimento não é positivo em si mesmo, pois podem ser autoritários ou emancipatórios); e c) a reflexividade (confrontado com a experiência, o leitor é convidado a refletir sobre a experiência, sem julgar as explicações).

Menos método do que atitude

Entende-se que a virada para os afetos constitui menos um método do que uma atitude, uma forma de apreender a pesquisa. As três dimen-

sões da pesquisa permeada pelos afetos têm que ser reconstruídos e repensados a cada vez e evitar ser um método a seguir. A questão da exposição, por exemplo, de se expor na pesquisa, do acolhimento do outro nos demanda um refreamento do impulso de explicar o outro, de classificá-lo, reduzindo-o ao mesmo via representação. Acolher não é escolher uma estrutura teórico-metodológica primeiro, para depois “inserir” nela o outro, alterando poucas coisas de nossas premissas. Isso me faz pensar em Lévinas, em como ele argumenta que o “rosto” deve vir primeiro, o chamado da alteridade incapturável, radical, precede nosso agir, define nosso agenciamento. O rosto é a emergência contextual das singularidades dos sujeitos, provocando em nós um espanto, uma inquietação diante de nossas certezas e pretensos saberes. É preciso estar constantemente “em pesquisa” (não somente pesquisar), construindo interlocuções assimétricas, porém não hierárquicas, a partir de posições permeadas pelos afetos e afetações.

Estamos conseguindo nos manter em movimento? A pesquisa que é movida pelos afetos requer que o outro seja aquele que pode abalar nosso lugar estável, fazê-lo tremer, movendo nossas categorias e quadros de saber. Especificamente, quando o outro é atravessado por um conjunto de vulnerabilidades, temos também que tematizar a questão da hospitalidade e os perigos relacionados ao acolhimento do outro (desposseção, violência, desrespeito, representação estereotipada), o que requer uma reflexão acerca de uma ética da responsabilidade pelo outro.

É importante termos em mente que podemos compreender a noção de representação como descrição de algo ou alguém e como representação política (esta foi mais discutida nos anos 1980 na etnografia e na sociologia). Se tomarmos o gesto etnográfico, veremos que os dois sentidos estão misturados. Se um pesquisador vai falar de um grupo, uma comunidade, ele precisa descrever, contar a maneira como eles pensam, vivem, agem. Mas aqui temos um problema muito difícil: quem escreve é o pesquisador e não as pessoas que estão sendo observadas. O pesquisador confere uma voz a eles, de certa forma roubando a voz delas. É claro, pode haver casos nos quais certas pessoas e grupos não têm condições de falar, e aí se o pesquisador não se posiciona, elas difi-

almente serão consideradas (os “subalternos”). Isto aponta mais um desafio: como falar do outro, com o outro, sem falar pelo outro?

Por enquanto, diremos que uma das possibilidades abertas pela virada afetiva é falar do encontro com o outro (não de representar o outro ou explicar o que ele diz). E que os afetos, se conseguirmos manter seus aspectos estranhos e estrangeiros, possibilitem não incluir esse encontro em nosso enquadramento só, para dar hospitalidade, além ao que ele diz, a uma parte de seu dizer e seu viver. E que, em vez de representar, é melhor performar. De novo, performar não é representar, mas apresentar: sobretudo apresentar a voz, os sentimentos, os gestos e dramas das pessoas sobre as quais falamos. Apresentar e recriar os afetos. E isso traz um elemento de reflexividade em relação ao que estamos estudando. Quando estudamos uma performance, nos interessamos pelo modo como ela é construída, e esse modo já é político. A questão de definir quem vai falar, onde, de que maneira é central para os estudos sobre comunicação e poder, gestão e controle dos corpos, dos discursos, dos fluxos. No caso da pesquisa acadêmica, mais um dos problemas éticos que se apresentam diante de nós é como fazer para que as pessoas que estudamos possam participar do processo de construção da pesquisa, para codefini-la, para fazer com que percamos o controle sobre o texto, as teorias, a escritura. Como produzir um texto que efetivamente permita o acolhimento do outro, de suas próprias palavras e modos de existência? Como fazer com que o pesquisador abra mão, seja desposuído de seu statur de autoridade, de controle sobre os enunciados?

Acredito que permitir que os afetos se avizinhem do gesto de pesquisa é uma forma não só de “dar uma voz”, mas também dar um corpo, dar um rosto, dar uma presença àqueles que elaboram conosco o conhecimento. Assim, o que esse tipo de pesquisa pode trazer é um encontro com as pessoas, que têm afetos, que têm corpo, que têm rosto, que têm uma existência, que têm problemas de família, que têm trajetórias e espessuras que são muito mais que uma voz. De certa forma, por exemplo, em entrevistas, nossos interlocutores estão mais fazendo um “performance”, mas desta vez num sentido mais problemático, do que quando os encontramos, às vezes, por acaso. É mais difícil, em termos

políticos, de ouvir um rosto, um corpo, um gesto. Mas “ser afetado” é uma possibilidade, uma inquietação que deve sempre estar presente nos modos como nossa escritura funciona, nos modos como nos colocamos constantemente “em pesquisa”. Essa abertura, esse escolha da maneira de escrever, é muito difícil porque, na academia, a escrita é formatada pelas revistas científicas. Como é possível escrever um texto de formato diferente se você quer vê-lo publicado? Mas se há um compromisso ético de respeitar as pessoas que com você compartilharam seus relatos e narrativas, é preciso encontrar uma maneira de oferecer essa resposta. Não tenho a boa maneira, mas carrego comigo uma inquietação que me mantém alerta às performances dos sujeitos, que me permite entrelaçar, na performance da escrita de um texto, a minha agência vulnerável de pesquisador à agência de quem pesquisa comigo. Porque outros provavelmente estão buscando, pesquisando, assim como nossos leitores. Vamos manter esta dimensão de pesquisa mais que de solução em nosso trabalho, vamos manter alerta e animada nossa sede de aprender e entender.

Debate

Sônia Pessoa: Gostaria que você falasse um pouco mais a respeito de como a representação afeta nossa experiência de apreensão dos fenômenos e acontecimentos com os quais temos contato na pesquisa.

Isabela Paes: Aproveito a pergunta de Sônia para te pedir para explicar como a representação pode atraparalhar a emergência da dimensão afetiva e performativa de uma pesquisa.

Jean-Luc Moriceau: A representação cristaliza as dinâmicas, bloqueia os devires e impõe uma ordem, um poder sobre o que ela descreve. Acredito que Deleuze deixou isso claro para nós. Trata-se, como conversamos hoje, de reintroduzir o movimento, seja entre o autor e sua representação, seja entre a representação e o leitor. Um primeiro movimento pode ser introduzido por um esforço constante de reflexividade acerca

da representação construída. É preciso refletir sobre o que produzimos e criticar seu processo de construção, de considerar a pesquisa em andamento somente como uma etapa em um percurso de pensamento. Em seguida, devemos nos inquietar acerca de nosso modo de interpretar essas interpretações. Vamos nos perguntar de que maneira o que interpretamos é influenciado por nossa comunidade de pesquisa, pelas tradições intelectuais e culturais, pelas formas de modelizações ou de narrativas esperadas. Reconheceremos as circunstâncias cognitivas, afetivas, intertextuais, ou políticas de seus surgimentos. Pensaremos em nossa própria posição em termos de classe, de gênero, de etnia, de geração, etc. Todos esses elementos que, sem explicá-los, permitirão ao leitor e a nós mesmos de refletir sobre nossas interpretações, de colocá-las em perspectiva, de suscitar novas reflexões, de cruzar e contrastar as representações e de conduzir a pesquisa não em direção à finura do espelho, mas em direção à espessura do pensamento. É um trabalho no qual aprendemos muito. A representação não é vista apenas como o reflexo de uma suposta realidade, mas como fonte de efeitos. Ela suscita reações, afetos, empatias e antipatias, convida a reflexões e a outras interpretações. As representações induzem, comandam, convocam, suscitam a imaginação, formam comunidades, criam amizades e inimizades, condenam, fazem esquecer ou perdoar, acrescentam o que estava omissa, retiram o que estava sobrando, desvelam segredos, suscitam vocações ou fins de carreira (Rancière tem argumentos convincentes sobre isso). Certas demandam respostas, outras censuras, certas desalojam injustiças, outras permitem manter o sistema. A representação pode ser criada não para imitar o que existe, mas intencionalmente para colocar em movimento, para iniciar efeitos. Ela ajuda o processo de pesquisa quando produz gestos, desdobramentos, abre novos caminhos. Ela atrapalha enormemente quando visa somente a mímese, a reprodução de um acontecimento ou fenômeno na escrita apenas para comprovar hipóteses ou ilustrar argumentos teóricos.

Sônia Pessoa: Jean-Luc, sobre essa questão do acolhimento dos sujeitos pesquisados, eu estava pensando aqui em duas questões. Uma, uma questão mais organizacional, que é, por exemplo, quando nós

estamos lidando com os sujeitos que compoem as organizações, as instituições, as empresas. E, muitas vezes, as organizações tomam suas decisões, ou definem suas estratégias sem contemplar essas pessoas que são, nos discursos, tidas – no Brasil se usa a palavra “colaboradores”, mas que nas instâncias decisórias, eles raramente têm essa voz e essa participação. E quando se trata de grupos vulneráveis, os sujeitos são pesquisados, são observados, e raramente são contemplados nos resultados da pesquisa de um ponto de vista de uma voz, de uma participação, de uma visibilidade que não seja apenas para tirá-los daquele lugar onde eles são pouco visíveis, mas para dar a eles voz. E eu me pergunto sempre se essa dificuldade, tanto nas organizações, quanto para nós, pesquisadores, está ligada a uma questão que, para mim, diz muito do afeto e do ser afetado, do ponto de vista do status de quem faz essa pesquisa, sabe? Se pesquisadores se consideram em um status tão superior fica difícil despir-se desse status para garantir voz, visibilidade, participação efetiva dessas pessoas, sejam elas colaboradoras em empresas, sejam elas sujeitos vulneráveis pesquisados. Não sei, é uma inquietação permanente que se apresenta para mim e queria te ouvir um pouco.

Jean-Luc Moriceau: Na pesquisa, a autoridade daquele que concebe a representação é cada vez mais discutida. Ele aparece em um lugar muito autoritário, com uma escrita muito segura e uma voz monolinguê e monológica. É ele que escreve, que toma a palavra e sua descrição se fecha sobre a representação sem que ela seja atravessada pela voz dos outros, sem permitir o mínimo de polifonia e de dialogismo (para retomar os termos de Bakhtin) que tornariam a representação mais credível e justa. A autoridade do sujeito criador da representação é posta em questão. O que procurei mostrar aqui é que, em todo o processo de pesquisa, em vez do distanciamento representativo, a pesquisa passa a multiplicar suas possibilidades de comunicação, de criar vínculos, de entrecruzar-se com a empiria do campo, os diferentes contextos, os leitores, a própria experiência do pesquisador. Precisar haver um distanciamento, ele vem em um segundo momento, sob a forma de uma reflexividade sobre os agenciamentos organizacionais. Por meio dessa comunicação de proximidade, o pesquisador/a e a pesquisa se deixam afetar, transportar e

transformar pelo que estudam. Trata-se de uma abordagem, de deixar-se tocar e depois, a partir do movimento nascido do contato, produzir uma reflexividade política e ética. A pesquisa assim informada (no sentido forte da tomada de forma) pode tornar-se performativa, ou seja, assumir uma distância em relação à representação e ter um efeito sobre o mundo estudado. Com outras modalidades além da distância representativa, novas possibilidades de criação de sentido e de sentido da pesquisa estão se abrindo.

Carlos Mendonça: A organização é uma grande produtora de rostos. A caracterização de público é uma grande produtora de rostos. Eu falo que “meu produto é para as mulheres com mais de 30, classe A e B, brancas, etc.” A publicidade tem produzido grandes erros a partir disso. É um sistema vencido, uma classificação que apaga completamente a alteridade e as intersecções entre todas as mediações possíveis a partir de gênero, classe e raça. E as pessoas que lidam com isso como produto, como resultado, têm muita dificuldade de ouvir o outro. Tem um termo na resposta de Jean-Luc que é fundamental, que é pensar a ideia da performance, porque dentro da rostidade, dentro do rosto, dentro do conjunto expressivo que você vive e é regulado, algo tem que aparecer. Aí o que surge na dimensão da escrita, do registro escrito de uma pesquisa acadêmica seria uma diferença entre a ideia da representação desse sujeito e a ideia da performance. E, grosso modo, se a gente olha lá a questão que o Deleuze estava apontando para a ideia da representação, ele olhava para uma filosofia do século XVIII e XIX, em que o que produzia incômodo era produzir a descrição da operação do conceito. E ele dizia que isso era impossível, porque conceitos são formas de vida. Nesse momento, é que há a reivindicação da performance, ou seja, em que medida, performativamente, esse sujeito pesquisado emerge no texto? Assim, o outro tem a insuportável mania de ser o outro. O outro não é o eu, não somos nós. Por mais que a gente queira, ele não será a gente. Então meu texto é incapaz de descrever o outro, porque a cada vez que eu retorno a ele, ele performativamente se transforma, então ele não é um sujeito teatralizado. Se o teatro se relaciona com um tempo que é do passado, em que eu recupero vivências, a performance é puramente

presente. Ela nem é passado, nem é futuro, ela se inscreve como ação presente. Ela é inapreensível, mas ela pode se presentificar na performance. Entende? Porque fica parecendo um pouco que essa ideia de uma escrita afetiva se torna impossível diante do trabalho institucional de ter que fazer uma tese. Mas a performance não vai ser colocada por mim, ela vem do outro. Qual é a minha capacidade de ouvir o outro? A gente está falando da escrita como produto, e ela não é. A escrita não é resultado, a escrita é ação performática, feita no momento em que aquilo que eu sei conversa com o que o outro me diz e essa fricção produz o texto. É nesse lugar que o texto se faz. Senão a única coisa que eu vou fazer é saltar de um lugar para o outro. Saltar de um conjunto de técnicas para outro. Então eu teria que ser alguém muito envolvido naquele lugar para pesquisar isso, porque eu começo a produzir cerceamentos na pesquisa, em que apenas sujeitos iguais falarão de temas iguais. Não é essa a ideia. Então me parece que a gente tem que, neste momento, inclusive para saber o quanto a gente pode se movimentar, tentar entender quem são os sujeitos do texto e qual é a noção de escritura que eu posso trabalhar para dar conta disso.

Jean-Luc Moriceau: Sim, essa questão da escritura é muito importante e nós falaremos dela nos demais encontros. Mas já posso dizer que acolher a voz do outro na descrição qualitativa realizada em pesquisas empíricas é tanto do ponto de vista ético como político a ser buscado, mas cada vez um desafio tremendo, nunca alcançado de forma totalmente satisfatória. Escrever um texto acadêmico é tecer as narrativas elaboradas a partir de uma trama que o pesquisador constrói, dispondo os indícios segundo o drama que deseja dar a ver. O pesquisador interpreta, conduz, aponta o que é preciso pensar: ele é o intérprete, a testemunha, o porta voz, o tradutor, o produtor. A questão não é só adotar uma posição enunciativa em função dos efeitos retóricos desejados, mas é uma questão epistemológica (MORICEAU, 2018). É também uma questão política, pois podemos sempre nos indagar sobre quais vozes são escutadas e consideradas como legítimas; como são representadas; se foram acolhidas ou extraídas à força; se foram fabricadas. Enfim, uma questão política que se entrelaça com uma questão ética, que diz da

responsabilidade do pesquisador diante do rosto do outro; dos efeitos de nossa escrita sobre as subjetividades e posições sociais dos atores escutados. Que parte da voz do outro ainda permanece na voz imperativa do autor? Como tornar legítima a voz do outro na pesquisa (e levar a sério seu próprio trabalho teórico)? As interpretações repousam sobre uma exposição suficiente da voz do outro? Os pressupostos do pesquisador foram colocados em questão no encontro com os outros?

Sônia Pessoa: Na verdade, a minha preocupação quando do aparecer dos sujeitos, da presença dos sujeitos está muito mais relacionada aos sujeitos vulneráveis. Essas preocupações estão como inquietações permanentes. A questão é dar conta disso em deixar-se afetar, dar conta de deixar transparecer no texto, visibilizar isso no texto, mas ao mesmo tempo sem perder esse caminhar da pesquisa, sem perder a cientificidade, sem perder a produção do texto que vai para a revista, porque ele é igualmente importante, né, ele não é secundário e não pode ser desfeito. Não há como a gente fingir que não vai assumir isso em uma carreira acadêmica, mas ao mesmo tempo dar um pouco mais de, talvez, sair um pouco da concessão de espaço, da exemplificação, do estudo de caso, acho que esse é um grande desafio. De que esses sujeitos não apareçam simplesmente como exemplos, como estudos de caso, como uma citação.

Jean-Luc Moriceau: Entendo sua preocupação. Deixar falar o outro e, ao mesmo tempo, seguir os modelos que a academia nos propõe é mesmo um desafio. Uma direção possível seria de permanecer mais próximo do real, de seu nascimento, de sua presença, antes que ele seja capturado e traduzido em representação. É o que tentamos fazer ao citar os enunciados dos sujeitos de modo de direto, ao acrescentar fotografias, descrições fenomenológicas de nosso contato de campo, procurando reencontrar as experiências, as emoções que despertaram os dizeres ou os comportamentos. Dizemos que tentamos, porque enunciados, fotos ou descrições são desde sempre representações e distanciamentos. Contudo, elas podem ter como objetivo recriar ou restituir uma presença mais originária, uma presença que difere do distanciamento e que o faz

diferir (no sentido de Derrida). Experimentar um contato mais bruto com a pesquisa de campo, mostrar os elementos dispersos, tais como nós os encontramos, antes de colocá-los em ordem, mostrar nossas reações primeiras antes do distanciamento objetivo, são estratégias para reencontrar um contato mais imediato, frequentemente mais impactante, mas desfamiliarizante e desviante, mais singular, com o que estudamos para evitar de substituir muito cedo as experiências em um lugar muito tranquilo de nossos modelos e categorias. Seria interessante retomar, por exemplo, essa experiência que visa a fenomenologia. Descrever, em toda a espessura do vivido, esse mundo de sensações, de reflexões e de afetos que vivemos no presente da experiência em uma autoetnografia que só será recuperada em um segundo tempo pela atuação da representação. Outra direção, de sentido contrário, consiste em fazer com que os elementos da representação não se refiram somente ao terreno estudado, mas também à outras referências, textos ou descrições. Que o sentido da representação não resida em sua adequação ao terreno, mas em suas remissões a outros textos: intertexto e hipertexto. Essa direção está presente em toda representação da comunicação organizacional, mas aqui, em vez de ser negada ou ocultada, ela se torna o que produz o sentido. Em vez de procurar um suplemento de presença, o sentido é aqui reenviado, e é o leitor que deve acrescentar um suplemento. A representação se torna um conjunto de remissões a outras representações, o texto se torna uma remissão a outros textos, em um jogo de referências e de diferenças infinitas, tensada entre a presença viva bruta e este conjunto de referências reverberantes. Dito de outro modo, o texto pode ser perpassado por referências implícitas, subtextos, duplo entendimentos que conferem à representação vários níveis de leitura, permitindo-lhe produzir mais de um sentido, tornando-se fonte de futuras e diferentes reflexões e por vezes mais capaz de refletir a complexidade, o equívoco e a riqueza dos terrenos e campos pesquisados.

Carlos Mendonça: A preocupação, nesse momento, é: a própria academia já não dá mais conta da produção formal tal como ela é feita, basta você olhar os vários métodos que são, hoje, investigados, sejam eles quantitativos ou qualitativos. Hoje, quando a gente olha para as

revistas preocupadas com o fator de impacto e menos com o volume de pesquisadores qualificados que estão ali, sabemos que isso não dá conta dessa proposta de escrita da qual Jean-Luc nos fala. O sistema em si da produção acadêmica não dá conta, isso foi muito legal, há cem anos, pois estava funcionando, hoje em dia não dá. Agora, se a gente faz essa proposição, como é que a gente confere materialidade para esse modo de fazer? A Antropologia já vem falando há muito tempo: é preciso ouvir o outro, é preciso deixar que o texto emergja, é preciso, nesses contatos, você ter outro tipo de relação com o que não é descrição, que não é representação. Mas a representação vai desaparecer? É claro que não, pois tirar a representação é impedir a comunicação.

Isabela Paes: Mas então seria preciso pensar, talvez, sobre o lugar que a gente coloca a representação. Porque eu acho que quando o Jean-Luc traz essa proposta de “se colocar em pesquisa”, mais do que pesquisar, é preciso tentar não assumir o lugar do pesquisador que tem a verdade em seu poder... Se eu estou “em pesquisa”, eu também estou aprendendo, então tem um meu lugar que aí vai chegar em uma representação em algum momento, tem que chegar para eu entregar isso de alguma forma, vai ganhar uma materialidade de alguma forma, seja em uma revista, seja uma apresentação, seja em uma sala de aula, seja mesmo em um bate-papo, se eu estou usando palavras, está ganhando vida, apesar de eu estar reduzindo isso de alguma forma. Mas, pelo menos, você se coloca humanamente também nessa pesquisa e não como um conhecimento que reproduz uma verdade já dada. E o outro, quando você se coloca, quando você está dentro da pesquisa, então o outro vem não como “o outro”, ameaçador, pois você está assumindo contar qual foi e como foi o contato com o outro, dizendo quem ele é e como ele é em situação, no encontro, em temporalidades e espacialidades marcadas.

Jean-Luc Moriceau: Vocês trazem questões muito importantes... Nesse momento, o que posso arriscar dizer é que o exercício da escritura, daquela escritura que traz a alteridade como rosto (no sentido de Lévinas e não de Deleuze), implica relatar, descrever, apropriar-se de uma experiência subjetiva por uma linguagem que nem sempre coincide

com aquela do relato. Assim, o relato implica perda. O problema, então, não é a escrita em si, mas como manejá-la. Não é transpor o inenarrável para um texto, mas criá-lo mesmo no gesto da escrita. A escrita não é um relatório do vivido, mas sua fabricação, sua fabulação. A escritura pode, assim, ser pensada como criação fabuladora do vivido, pois evita conduzir o leitor por caminhos discursivos já conhecidos, preserva o inaudito e o espaço do livre jogo no qual brinca o espectador emancipado. A escritura não é só a parte final da pesquisa qualitativa, a transposição em palavras da experiência vivenciada quando ela chega ao fim. Ela está no coração da pesquisa, persegue o pesquisador e constitui o trabalho parte por parte. Uma escritura fina, sensível, densa, precisa, alegre, criativa, permitindo as mais ricas descrições, as mais inventivas análises, as melhores compreensões e comunicações seria o melhor remédio contra a standardização da pesquisa acadêmica. A elaboração de uma escrita reflexiva requer adotar um ponto de vista não para reencontrar o já sabido, mas para questionar o que é comumente aceito. A descrição não é a ilustração de uma teoria, e a teoria, por sua vez, não oferece o vocabulário para contrastar o que descobrimos. Descrever é pesquisar, buscar. Questionar a si mesmo e às experiências a serem descritas é um gesto que está no centro da análise. Com sua escritura, o pesquisador cria um mundo, organiza, constroi, fabrica, promove a ordenação das temporalidades experimentadas com o tempo da escrita. Trata-se menos de dizer a verdade e mais de construir um questionamento, propor conjecturas, submeter a narrativa, o relato elaborado ao debate permanente, pois o pesquisador constrói, duvida, caminha, reconta. Escrever nos torna responsáveis: criar um mundo no qual vivemos, que possa ser habitado, mas que altere a norma que define os mecanismos de legibilidade, apreensão e reconhecimento do outro. Escrever desta forma não é apenas a descrição de alguém exterior, de um outro, que vem, nem a pura criação de um autor, mas um lugar de encontro (afetivo) entre os dois. Não o justo meio, mas o confronto, cada um provocando e enriquecendo o outro.

Sônia Pessoa: Acho que tem uma fronteira também que é preciso a gente estar atento, para que a pesquisa não seja um mero relato de

experiência, ou seja, simplesmente dizer o que eu vivi, mas que seja uma problematização sobre o fazer-se pesquisador, durante o estar ali, durante o ser pesquisador, em todo esse percurso, e também problematizando as dimensões do afetar-se nesses duplos sentidos, ou vários sentidos, talvez muito mais do que duplos, o afetar-se também no que diz respeito ao emocionar-se durante pesquisar, mas não só isso. Não só para dizer se eu senti cólera, compaixão, repulsa, enfim, mas a problematização disso como uma epistemologia mesmo do que se está pesquisando. Discutir a dimensão do afetar-se como pesquisador, é pensar-se como ser humano e não como pesquisador distante, cientificista, totalmente isolado. Creio que precisamos correlacionar esse afetar-se com a própria pesquisa e com a própria materialidade dos seus produtos. Então, é claro que a gente não tem respostas prontas, mas eu fico na expectativa de que a gente consiga dar conta desse exercício.

Jean-Luc Moriceau: Também eu desejo dar conta dessa difícil articulação do afetar-se na pesquisa acadêmica. E acredito que isso se relaciona com o fato de que os atores pesquisados raramente têm oportunidade de falar; suas vozes foram selecionadas, interpretadas, traduzidas, re-territorializadas na representação que modela sua imagem e fala por eles. Por sua vez, os leitores ou receptores avaliam ou discutem a representação em bloco, sem poder, na maioria das vezes, ter influência sobre ela. Para conter os perigos de um excesso de autoridade, é possível, de um lado, deixar aos atores pesquisados uma maior responsabilidade na elaboração da representação (nos dois sentidos do termo). Aproximar-se de uma expressão mais bruta de seus enunciados, se atrelar à justiça e à justeza de seu modo de se representarem, escutar suas opiniões e suas exigências a respeito da representação, sem necessariamente buscar revelar os paradoxos ou as contradições nela presentes. É possível, de outro lado, deixar uma maior parte aos destinatários da representação, sem buscar fechar ou esgotar o sentido. Em vez de buscar a “boa” representação, é mais importante esforçar-se intencionalmente para conduzir os receptores a coproduzir o sentido, almejar uma obra aberta a várias interpretações. Ao dirigir a eles não o sentido pronto, mas propostas de sentido, inícios de explicação e compreensão, expressões produtivas e

poéticas, uma representação inacabada, repleta de vários acabamentos possíveis, trata-se de conduzir o espectador a partilhar o trabalho de compreensão, a multiplicar e entrelaçar as representações, a fazer seu próprio “poema” como diz Rancière. Assim, é importante buscar formas de escrita nas quais os narrador onisciente é desafiado, em que a ironia, a colagem, o pastiche, a poética, etc. descrevem o real de outra maneira que não seja sob a forma de *mimesis*.

Referências bibliográficas

Bibliografia recomendada sobre os afetos na pesquisa

CLOUGH, Patricia Ticineto. *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham, Duke University Press Books, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*, Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar. Tradução de Fernanda Bernardo, Viseu: Palimage Editores, 2003

ELLIS, Carolyn. *The autoethnographic I: A methodological novel about autoethnography*. Walnut Creek, CA: Altamira, 2004.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. *Autoethnography, personal narrative, reflexivity*. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage, 2000, p.733-768.

ELLIS, Carolyn; ELLINGSON, Laura L. *Autoethnography as constructionist project*. In James A. Holstein & Jaber F. Gubrium (Eds.), *Handbook of constructionist research*. New York, NY: Guilford Press, 2008, p.445-465.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. *Autoethnography: An overview*. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 12(1), Art. 10, 2011.

GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. *The Affect Theory Reader*, Durham, Duke University Press, 2010.

GHERARDI, Silvia, MURGIA, Annalisa, BELLE, Elisa, MIELE, Francesco; CARRERI, Anna. *Tracking the sociomaterial traces of affect at the crossroads of affect and practice theories*, *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, Vol. 14, No 3, 2018, p. 295-316.

LETICHE, Hugo; LIGHTFOOT, Geoffrey. *The Relevant* PhD, Rotterdam, Sense, 2014.

LINGIS, Alphonso. *Justice*, dans H. Letiche, G. Lightfoot et J-L. Moriceau,

Demo(s): Philosophy, pedagogy, politics, Rotterdam, Sense, 2016.

LINGIS, Alphonso. *Cause Choice Chance, Society and Business Review*, (Forthcoming)

LINGIS, Alphonso. *Dangerous emotions*. Berkeley: University of California Press, 2000.

LINGIS, Alphonso. *Passion*: <https://www.youtube.com/watch?v=g3h2LAYPNF0>

LINSTEAD, Stephen. *Exploring culture and collective identity through the Radio-Ballads*. In Pullen, A., Sims, D., Beech, N. (Eds.), *Exploring identity: Concepts and methods*. London, UK: Palgrave, 2007, p. 251–273.

LINSTEAD, Stephen. *Feeling the Reel of the Real: Framing the Play of Critically Affective Organizational Research between Art and the Everyday*. *Organization studies*, 2017, p.1-26.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MASSUMI, Brian. *Politics of Affects*, Cambridge, Polity Press, 2015.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge. (orgs.). *Comunicação e Sensibilidade: Pistas metodológicas*, Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc. *Être en recherche* (p. 353-364), in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale: S'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*, Caen, EM, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. *L'autoethnographie*. *Conter soi-même comme un autre*, in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale : S'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*, Caen, EMS, 2019, p. 53-66.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Vers une recherche pauvre*, *Revue Française de Gestion*, vol. 285, n°8, 2019, p. 161-168.

MORICEAU, Jean-Luc. *Can the researcher learn? Relatedness and the ethics of writing*, *Society and Business Review*, Vol. 13 n°3, 2018, p.242-53.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Les Organisations sensibles terres d'affects?* Stratégies de recherche pour The Affect Turn ou tournant vers les affects, de la recherche sur les Organisations, Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels, n°48, Vol. XIX, 2013, p. 367-379.

MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT, Richard (dir.). *Recherche qualitative en Sciences Sociales: s'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*. Caen: Éditions EMS, 2019.

SEDGWICK; Eve Kosofsky. *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*, Durham, Duke University Press, 2003.

SPRY, Tami. *Body, paper, stage: Writing and performing autoethnography*. Walnut Creek, CA:Left Coast Press. 2011.

STEWART, Kathleen. *A Space on the Side of the Road: Cultural Poetics in an 'Other' America*, Princeton, Princeton University Press, 1996.

STEWART, Kathleen. *On the Politics of Cultural Theory: A Case for 'Contaminated' Cultural Critique Social Research*, vol. 58, n°2, 1991, p.395-412.

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*, Durham, Duke University Press, 2007.

Bibliografía relacionada

BENCHERKI, Nicolas. *Pour une communication organisationnelle affective: une perspective préindividuelle de l'action et de la constitution des organisations*, Communiquer [En ligne], n°15, 2015.

BERLANT, Lauren. *Cruel optimism*, Duke University Press, 2011.

BRENNZAN, Teresa. *The Transmission of Affects*, Cornell University Press, 2004.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography: A School of American Research Advanced Seminar*, Berkeley et Los Angeles, University of California Press, 1986.

ELLIS, Carolyn, *Maternal Connection*, in C. Ellis & A. Bochner, *Composing Ethnography: Alternative Forms of Ethnographic Writings*,

Walnut Creek CA: AltaMira Press, 1996, p. 204-243.

GOODALL, H. L. *Writing qualitative inquiry: Self, stories and academic life*. New York, NY: Routledge, 2008.

LINSTEAD, S. A. *Exploring culture and collective identity through the Radio-Ballads*. In Pullen, A., Sims, D., Beech, N. (Eds.), *Exploring identity: Concepts and methods*. London, UK: Palgrave, 2007, p. 251-273.

MACÉ Marielle. *Styles: Critiques de nos formes de vie*, Paris, Gallimard, 2016.

MENDONÇA, Carlos, MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Guerrilhas do sensível: estetização e contra-estetização do mundo*, Compós, 09-12 juin 2015, Brasília, Brésil, ISSN: 2236-4285, http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensi-velcompos2015_2772.pdf

MORICEAU, Jean-Luc. *Écrire le qualitatif: écriture réflexive, écriture plurielle, écriture performance*, *Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels*, Vol. 24, n° 57, 2018, p. 45-68.

MORICEAU, Jean-Luc; LE THEULE, Marie-Astrid; FRONDA, Yannick. *Performativité de la prise de parole. Enseignements à partir du cas du Lucernaire*, *Management International*, vol. 22, n° 2, 2018, p. 41-51.

MORICEAU, Jean-Luc. *Longe da distância representativa: uma pesquisa que comunica e organiza*, in Ângela Cristina Salgueiro Marques Ivone de Lourdes Oliveira Fábila Pereira Lima, *Comunicação organizacional: Vertentes Conceituais e Metodológicas*, Vol. 2, Belo Horizonte (BR) : PPGCOM-UFMG, 2017, p. 205-222.

MORICEAU, Jean-Luc. *I thought I only had to have an idea*, *M@n@gement*, Unplugged – Academic non-fiction, 2017, p. 298-299.

MORICEAU, Jean-Luc. *The Turn to Performativity and the Democratic Concern: Four Orientations for a more Demos-Sensitive Debate*, in H. Letiche, G. Lightfoot & J.-L. Moriceau, *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics*, Rotterdam: Sense Publishers, 2016, p. 167-179.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido*, in B. Picado, C. Carmagos Mendonça e J. Cardoso Filho (org), *Experiência*

estética e performance, Salvador (Bahia, Brésil): EDUFBA, 2014, p. 107-129.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *An apprenticeship to pleasure: aesthetics dynamics in organizational learning*. Society and Business Review, Vol. 11 n°1, 2016, p. 80-92.

MORICEAU, Jean-Luc; GUÉRILLOT; Géraldine. *Gifted: The monolingualism of CSR*, Géraldine Guérillot & Jean-Luc Moriceau, Revista de Administração de Empresa, mars, vol 52, n°2, 2012, p. 153-164.

NANCY, Jean-Luc. *Making Sense*, in L. Collins et E. Rush, Making Sense: For an Effective Aesthetics, Oxford, Peter Lang, European Connections 33, 2011, p. 209-214.

NANCY, Jean-Luc. *The Gravity of thought*, Humanities Press, 1997.

POULOS, C. *Accidental ethnography: An inquiry into family secrecy*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: Scènes du régime esthétique de l'art*, Paris, Galilée, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do sensível: Esthtica et política*, Editora 34, 2005.

SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*, Bertrand Brasil, 2017.

STRATI, Antonio. *Organization and aesthetics*. London, UK: SAGE Publications, 1999.

THRIFT, Nigel. *Non-representational theory: Space, politics, affect*. London, UK: Routledge, 2008.

VEISSIERE, Samuel P. L. *Making a Living: The Gringo Ethnographer as Pimp of the Suffering in the Late Capitalist Night*, Cultural Studies Critical Methodologies, vol.10, n°1, 2010, p.29-39.

VEISSIERE, Samuel P. L. *Notes and Queries for an Activist Street Anthropology: Street Resistance, Gringopolítica, and the Quest for Subaltern Visions in Salvador Da Bahia, Brazil*“, Education, Participatory Action Research and Social Change. International Perspectives, New York, Palgrave MacMillan, 2009, p.209-222.

Jean-Luc Moriceau

Doutor em Ciências de Gestão da Universidade de Paris IX Dauphine, e habilitado à dirigir as pesquisas (HDR) desta mesma universidade, ele é responsável pela formação de doutores do LITEM, Laboratório na Université Paris-Saclay. Professor do Programa de Pós-Graduação do Institut Mines-Télécom Business School (Evry, France), onde ele ensina métodos de pesquisa. Seus principais interesses de investigação relacionam-se aos temas: Estética e organização; Estudos críticos de gestão/pós-modernismo; Arte e construção de sentido; Performance e performatividade; Métodos Qualitativos de pesquisa. Publicou, entre outros, os livros *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics* (Sense, 2016) ; *Recherche qualitative en sciences sociales: s'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode* (EMS, 2019); *L'art du sens dans les organisations* (PUL, 2019), *Turn to Film* (Sense, 2019) e *The Magic of Organization* (E. Elgar, 2020).

Esta coleção acolhe reflexões dedicadas a temas, fenômenos ou processos comunicacionais específicos e oriundas de pesquisas de campo, estudos de caso, experimentos e construções metodológicas, revisões e proposições teóricas diversas.